

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

Comunicação Social – Jornalismo

Suellen Marinho da Silva

**RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI:
OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS**

São Paulo

2016

Suellen Marinho da Silva

**RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI:
OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Maurício Capela

São Paulo

2016

Suellen Marinho da Silva

**RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI:
OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Maurício Capela

São Paulo, _____ de _____ de 20_____

BANCA EXAMINADORA

(Nome do Orientador e Titulação)

(Nome do Professor e Titulação)

(Nome do Professor e Titulação)

CONCEITO FINAL: _____

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo, de de 2016.

A apresentação e defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do(s) discente(s) Suellen Marinho da Silva, realizou-se no dia ____ de _____ de 20__, com o título: Reconfiguração do conceito de família no século XXI: Os desafios das famílias homoparentais.

Participaram da Banca Examinadora os seguintes componentes:

Nome	Assinatura	Nota
------	------------	------

1ºExaminador

2ºExaminador

Professor-orientador

Média final

Parecer da banca sobre o trabalho (*um breve comentário sobre a parte escrita e apresentação oral, ou qualquer outro comentário que a banca queira registrar*).

Presidente da Banca Examinadora

Dedico inteiramente este trabalho aos meus pais. Meus exemplos de garra e superação. As pessoas que sempre me inspiraram com lições de amor e respeito ao próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sabedoria que me foi dada durante o processo. Sem fé, eu não teria chegado a lugar algum.

Agradeço aos meus orientadores, Flavia Delgado, que me acompanhou e guiou no início dessa jornada, sendo paciente para com todas as questões que eu apresentava. E o professor Maurício Capela, que além de ser um dos melhores professores para mim durante o curso, conseguiu por meio de sua postura firme me manter segura de cada passo dado deste trabalho.

Um agradecimento especial ao meu pai, Lenilson Pedro, e a minha mãe, Valéria Nunes, que me fortaleciam cada vez que eu desanimava e deixava de acreditar no projeto. Agradeço ao meu irmão, Helton Marinho, que mesmo longe se importava com o andamento de cada etapa.

Muito obrigada ao meu noivo, Alan Prado, pela paciência em me ouvir falar sobre tudo relacionado ao tema do trabalho, por ler e opinar de forma sincera tudo que eu escrevia e por nunca ter reclamado da minha ausência.

Quero agradecer também aos meus amigos, Julia Gomes, Laner Siqueira, Karen Fraga e Gabriela Cunha, que sempre trouxeram a leveza que eu precisava para continuar depois de inúmeras dificuldades.

Obrigada a todos os entrevistados que compartilharam suas histórias de vida e por me dedicar seu precioso tempo em meio à correria do dia a dia.

A todos que me inspiraram e motivaram nessa etapa, obrigada.

“O afeto merece ser visto como uma realidade digna de tutela”.

Maria Berenice Dias.

RESUMO

Este relatório visa esclarecer questões levantadas em uma pesquisa realizada anteriormente sobre o grupo social família, suas mudanças e os olhares da sociedade para com essas mudanças. O objetivo deste documento é apresentar os resultados obtidos durante a pesquisa para ser base de construção de um livro-reportagem, que aborda as transformações no conceito de família que conhecemos, e os desafios que as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, chamadas de família homoparental ou família homoafetiva, têm encontrado por não pertencer ao modelo monogâmico tradicional. É de total relevância apresentar os fatores que compõe a produção do trabalho final e por isso faz-se necessário o relatório de pesquisa, que traz o conceito do projeto, os motivos de cada um dos elementos de sua efetiva produção, seus objetivos e demais detalhes que possam contribuir para o esclarecimento completo da obra.

Palavras-chave: Família, homoafetividade, homoparentalidade, sociedade, livro-reportagem.

ABSTRACT

This report intends to clarify questions previously investigated in a report about the social family group, its changes and the view from society with these changes. The objective of this article is to present results gathered during a research to develop a book-report, that will approach the changes on the concept of family that we know, and the challenges that these families shaped by people from the same gender, named homoparental group, has found for not belonging to the traditional monogamous group. It is very relevant to present the facts that compose the production of the final research work and because of this it is necessary the research report, that introduces the concept of the project, the reasons of each one of the elements to its development, its objectives and further details that may contribute to completely explaining of the work.

Keywords: Family, homoparenthood, parental representation, society, reporting-book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia – Camila e Gabriela.....	86
Figura 2: Fotografia – Manchete do acidente.....	86
Figura 3: Fotografia – Eduardo e Junior.....	87
Figura 4: Fotografia – Alexandra, Alice e Denise.....	87
Figura 5: Fotografia – Alice.....	88
Figura 6: Fotografia – Adriana, Fabio e filhos.....	88
Figura 7: Fotografia – Valentina.....	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MEMORIAL DESCRITIVO	
2.1 Conceito do projeto.....	15
2.2 Sistemas de produção.....	16
2.3 Objetivos.....	17
2.4 Detalhamento.....	18
3 CONCLUSÃO.....	20
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS.....	22
5 ANEXOS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a família é um grupo social e que a mesma é à base de toda sociedade. Basta observar os dizeres no artigo 226 da Constituição Federal (1988): “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”.¹

Mas sabe-se também que a família brasileira tem passado por diversas mudanças e que, hoje, a legislação reconhece vários formatos de família por conta dessa transformação em sua estrutura.

A família brasileira atual é plural, não mais respeitando apenas o modelo nuclear monogâmico que se conhece como família tradicional ou família padrão. Esse modelo é consequência do formato patriarcal pertencente aos séculos XVIII-XIX e que não mais é predominante no Brasil².

A família, a instituição mais "sólida" desde os princípios da era cristã, reforçada em sua antiga forma patriarcal pelas religiões ocidentais, conheceu desde então grandes transformações que até hoje não conquistaram unanimidade similar a daquele tipo de sociedade repressiva e autoritária de então (séculos XVIII-XIX). Hoje essas mudanças atingem os países em vias de desenvolvimento e mesmo as populações que viviam totalmente à margem da "civilização" branca e ocidental. (PRADO, 1985, p.64).

A jurista brasileira, Maria Berenice Dias, vice-presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM) e autora do livro “Homoafetividade e os Direitos LGBTI”, fez uma analogia quanto à família patriarcal e a família que conhecemos hoje através da fotografia:

¹ Art. 226. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_226_.asp>

² “Pais, mães e filhos” já não reinam mais nos lares. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/economia/pai-mae-filhos-ja-nao-reinam-mais-nos-lares-5898477>>

Trata-se de uma nova realidade que é possível flagrar nos álbuns de família. As fotos que retratam a família estampam as mudanças do seu conceito. Tal como ocorreu com a própria fotografia, também a família adquiriu colorido. Seus figurantes não mais pousam de forma convencional, todos sérios e sisudos. Ninguém mais ocupa lugares definidos, tendo o patriarca ou a matriarca ao centro cercados de filhos, noras e netos. As vestimentas ganharam leveza, os chapéus desapareceram. Agora a família é fotografada de forma descontraída, as pessoas sorrindo, abraçadas, fazendo questão de demonstrar o envolvimento afetivo que os une. Hoje é a espontaneidade que conta, e quanto mais informais seus figurantes, mais fiel é o retrato do que a família é: uma relação de afeto. (DIAS, 2010, p. 6).³

Mas ainda existem aqueles que defendem a padronização da família como única forma de preservação de seu conceito, fazendo com que os demais formatos do grupo se tornem impensáveis.

Hoje, a família homoparental, nome dado às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, com ou sem filhos, já formam um grande número em nosso País, motivadas pelas novas considerações na legislação e os avanços na medicina através da reprodução assistida. Tem sido cada vez mais comum encontrarmos variedades nas representações sociais parentais.

A família homoafetiva/homoparental tem sido recebida com muita resistência por uma parcela mais conservadora da sociedade. A antropóloga Elizabeth Zambrano nos apresenta uma breve explicação sobre o olhar mais conservador que parte de alguns:

A condenação generalizada da homossexualidade que persiste nas sociedades contemporâneas, ainda é muito influenciada pela lei religiosa [...] Essa “sacralidade” que toma como apoio a ordem natural das relações entre os sexos, torna “impensável” qualquer outra forma de configuração de família que não seja a composta por pai-homem, mãe-mulher e filhos. (ZAMBRANO, 2006, p. 124).⁴

E para fortalecer a ideia do grupo família como a estrutura comentada por Zambrano, o deputado federal Anderson Ferreira (PR-PE) criou o Projeto de Lei 6583/2013 - Estatuto da Família, que reconhece como entidade familiar apenas a união entre um homem e uma mulher e seus filhos.

³ Filiação homoparental e reprodução assistida. Disponível em:

<http://www.mariaberenice.com.br/uploads/15_-_filia%E7%E3o_homoparental_e_reprodu%E7%E3o_assistida.pdf>

⁴ Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a06v1226.pdf>>

Para fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre homem e mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes⁵.

A família homoparental pode ser afetada de forma drástica, caso o Projeto de Lei 6583/2013, já aprovada pela Câmara dos Deputados⁶ no ano de 2015, seja aprovado também pelo Senado Federal, pois correria o risco de perder muitos dos direitos conquistados nos últimos seis anos.

A família brasileira ganhou novos aspectos, e uma das famílias que têm crescido, e merece tratamento igualitário e total tutela do Estado, é a família homoparental. Por isso, o livro-reportagem traz a história de famílias homoparentais e a visão de uma família tradicional para auxiliar na compreensão da discussão.

Existem pais e mães homossexuais com filhos, biológicos ou adotivos. Não se trata de seres de outros planetas ou de um problema distante e sim, de algo presente em cada cidade, em cada esquina, em cada família. É uma crueldade contra a espécie humana tentar retirar o tema da agenda em discussão e deixar de buscar soluções que atendam a todas as partes envolvidas. (FIGUEIRÊDO, 2008, p. 25).

É comum encontrarmos diversos conceitos para nos referirmos às famílias, difícil é encontrar um que englobe tudo o que a mesma representa para a sociedade de forma comum. O que podemos afirmar é que o grupo família é uma instituição indispensável para o desenvolvimento saudável de uma nação. E como nos lembra o autor de “Preconceito Individuo e Cultura”, José Leon Crochik (2006, p. 36), “Uma sociedade que se sustenta pela ameaça da exclusão gera continuamente a necessidade do estabelecimento de preconceitos como forma de defesa individual”.

A família é à base da sociedade e a ela deve-se proteção, por que então trabalhar com a exclusão ao invés da inclusão? Dessa forma, o livro- reportagem

⁵ Projeto de Lei 6583/2013. Inteiro teor. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FC5C557DE6D329C5ABE9B776BEA5A10B.proposicoesWeb1?codteor=1159761&filename=PL+6583/2013>

⁶ Câmara aprova Estatuto da Família: Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879-CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html>>

observa a transformação do conceito de família e identifica os desafios que cercam o grupo, que luta para obter o reconhecimento de seu núcleo familiar e tratamento igualitário.

2 MEMORIAL DESCRITIVO

2.1 Conceito do projeto

O projeto aqui apresentado é resultado de um estudo realizado sobre as transformações no conceito de família e os desafios que as famílias homoparentais/homoafetivas têm encontrado por não pertencer ao grupo tradicional. O estudo se encontra no Projeto de Pesquisa, documento exigido como requisito parcial para conclusão do trabalho.

Os resultados serão apresentados por meio do formato livro-reportagem, pois este formato permite a prática do jornalismo literário e não se prende a algumas características da redação cotidiana, como a atualidade e a periodicidade, dando assim total liberdade para o autor escrever com sua “assinatura⁷”. O formato aqui trabalhado apresenta liberdade em outros campos da atividade, tais como:

Liberdade de angulação: Não há por que submeter-se à ótica dos donos do jornal ou da revista, e então a presença expressiva do autor pode ser muito forte, dando ao livro um colorido que às vezes falta na grande imprensa. Liberdade de fontes: [...] abre-se um leque para um coral de vozes variadas. Liberdade temporal: Isento do compromisso com a míope atualidade, o livro-reportagem avança para uma janela mais ampla de tempo, de modo a abranger com vigor a contemporaneidade. Liberdade do eixo de abordagem: Livre do estritamente factual, o livro avança para as situações e questões que contextualizam os fatos. (LIMA, 1993, pp. 35-36).

O formato foi escolhido justamente por apresentar liberdade diversa de produção. Essa liberdade na construção do trabalho resulta em um texto envolvente e detalhado, com variação do ritmo narrativo. De acordo com Lima (1993, p. 29), o objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades.

O livro-reportagem se encarrega de trazer de forma lúdica essa realidade múltipla citada por Lima, a profundidade e a reflexão contínua são reflexos do formato aqui trabalhado. A profundidade mediante relatos contados por cada uma das fontes, e a reflexão por meio da ligação com a atualidade.

⁷ A palavra “assinatura” foi utilizada para dar sentido de marca pessoal.

2.2 Sistema de produção

A construção do projeto seguiu as normas determinadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e manuais da Universidade de Santo Amaro, assim intitulados: Norma Geral para Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo e Manual de Normatização de Trabalhos Acadêmicos 2º Edição.

Após o aceite da proposta inicial de pesquisa para o TCC, foi elaborado um documento chamado Projeto de Pesquisa, com as todas as indagações, objetivos e intenções para finalidade do projeto. Em sequência, foi feito um artigo científico com os resultados obtidos durante a pesquisa.

Depois da entrega dos devidos documentos solicitados, como requisitos parciais para finalização do trabalho, foi dado início a fase de captação para o livro-reportagem, ou seja, a fase de entrevistas.

Foram entrevistadas:

- Três famílias homoparentais/homoafetivas. A primeira família é formada por duas mulheres, que estavam em processo de reprodução assistida (fertilização in vitro). A segunda família é formada por duas mulheres e uma criança. A terceira família é formada por dois homens sem filhos.
- Uma família tradicional. Formada por um homem, uma mulher e duas crianças, um menino de 12 anos e uma menina de um ano.
- Profissional da psicologia, Brunella Carla Rodriguez, doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo e autora da tese “A representação parental de casais homossexuais masculinos”.
- Cidadãos comuns de diferentes idades: Para opinar sobre o que é família e trazer seus olhares em direção à questão da família formada por pessoas do mesmo sexo.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e se encontram ao final deste relatório na sessão ANEXO, juntamente com termos de autorização para o uso do mesmo.

2.3 Objetivos

O objetivo do trabalho é sensibilizar e estimular a reflexão por meio do livro-reportagem, trazendo a realidade das famílias homoparentais, contando suas histórias através de seus próprios relatos captados durante a entrevista. Desse modo o leitor poderá absorver a realidade de uma forma mais profunda e completa, contrário do resultado proporcionado por uma rápida leitura nas plataformas digitais.

O objetivo da narrativa, com um texto leve e fiel aos diálogos, é proporcionar uma leitura fluída, de modo que o leitor possa enxergar os personagens com naturalidade. Para isso, foi feita o que se chama de entrevista focalizada. Dessa forma, o entrevistador permite que o entrevistado fale livremente sem o vício da interferência. De acordo com Gil (2008, p. 112), este tipo de entrevista é bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência. Esse método foi utilizado para enriquecer a narrativa e ajudar na compreensão final do tema.

O objetivo geral deste trabalho é permitir que o leitor mergulhe nas histórias contadas, e que por meio de todas as experiências, relatos de conquistas e aflições, o mesmo consiga fazer uma profunda reflexão da contemporaneidade no que diz respeito às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo.

Ressaltar a questão da diversidade e salientar a palavra respeito como regra comum para todas as relações independente de suas estruturas. Lembrar sutilmente de um direito de cada cidadão, que muitas vezes é esquecido por consequência das diferenças dos valores morais:

Não é mais possível viver em um mundo que exclua pessoas do direito à felicidade. Afinal, esta é a finalidade da sociedade e a razão de ser do estado. Por mais piegas que possa parecer, e só isso que todos queremos: o direito de ser feliz. (DIAS, 2013, p. 2.)⁸

⁸ Que família. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/que_fam%EDlia.pdf>

2.4 Detalhamento

O livro-reportagem é composto por: Capa, prólogo, sumário e conteúdo. A capa do livro reportagem carregará o título: “Um tudo e o todo”. O título faz referência às respostas em comum recebidas durante o processo de captação de opinião. Frequentemente ouvi que família era “tudo”, diversas vezes os participantes tentaram resumir o seu “todo particular”, ou seja, suas famílias e caracterizar de maneira simplificada o sentimento complexo que cerca o tema.

O prólogo será construído com base nas respostas para as perguntas:

- O que é família para você?
- Como você enxerga as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo?

O conteúdo do livro-reportagem se desdobrará em cinco capítulos, assim intitulados:

- *Capítulo 1 – O encontro:* Neste capítulo, serão apresentados ao leitor os personagens e aqui será possível saber como se encontraram, onde aconteceu e o que sentiam.
- *Capítulo 2 – “Ele tem medo de mim”:* Este capítulo será responsável por contar sobre os possíveis receios ao se assumir perante amigos e familiares, apoio e descoberta.
- *Capítulo 3 – Dia do sim:* A decisão de formalizar a união através do casamento civil e como foi o dia para cada um deles.
- *Capítulo 4 – A vida acontece:* Como essas famílias estão hoje em dia? Cresceram? Têm filhos? Qual a atual formação?
- *Capítulo 5 – “Ele disse que eu ia para o inferno”:* Este capítulo se encarregará de trazer ao leitor as situações mais desconfortáveis e difíceis para as famílias que não fazem parte do modelo monogâmico tradicional.

- *Capítulo 6 – Mais adiante:* Aqui serão colocadas as principais considerações feitas pela psicóloga Brunella Carla Rodriguez em complemento as questões levantadas pela família tradicional.

O livro-reportagem também traz fotografias das famílias para ajudar o leitor a projetar a realidade daquilo que está lendo.

A ilustração de capa consiste na figura de uma árvore cujo tronco receberá as cores da bandeira LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), pois a bandeira é símbolo não só do orgulho LGBT, mas também de reconhecimento mundial. Criada pelo artista plástico Gilbert Baker⁹, em 1978, as cores da bandeira escolhida pelo artista representam a diversidade, e por ser reconhecida mundialmente será usada na capa para evidenciar rapidamente do que se trata a obra.

A figura da árvore tem diversos significados para as culturas ao redor do mundo, e uma das representações mais conhecidas está relacionada ao crescimento de um povo ou de uma família, a conhecida árvore genealógica que se aprende em período escolar.

A relação entre as duas figuras tem objetivo de contrastar os olhares, sendo a bandeira LGBT uma representação de um grande grupo que ainda sofre preconceitos, e a árvore como figura de crescimento, conhecimento e ciclo de vida.

Obras que inspiraram a estrutura e narração deste projeto:

- Bar Bodega: Um crime de imprensa de Carlos Dorneles.
- O Caso Escola Base: Os abusos da imprensa de Alex Ribeiro.

As duas obras trabalham com capítulos curtos e objetivos, porém sem perder detalhes que marcam os fatos. O livro-reportagem também trabalhará com o modelo página única para fotografias e ilustrações da reportagem, pois dessa forma o leitor dedica uma atenção maior a imagem apresentada por não estar tão próxima ao texto e sim em destaque separadamente.

⁹ Conheça o significado das cores da bandeira LGBT. Disponível em: <http://noticias.ne10.uol.com.br/mundo/noticia/2016/06/28/conheca-o-significado-das-cores-da-bandeira-lgbt-623015.php>>

CONCLUSÃO

Este trabalho explorou o conceito de família desde o início, a transformação, um grupo em crescimento - famílias homoparentais - e a visão que a sociedade tem apresentado no tocante à questão. Foi um aprendizado de extrema importância. Investigar, conhecer, participar e poder compartilhar o conhecimento até aqui adquirido.

Conclui-se com este relatório que um dos instrumentos mais importante para construção do produto final foi a captação, ou seja, o ato da entrevistar. Pois através das entrevistas realizadas, e aqui anexadas, que começaram a se confirmar hipóteses trabalhadas na fase Projeto de Pesquisa, quando o trabalho ainda estava formando o alicerce para sustentar as atividades que vinham a seguir.

A metodologia utilizada para realização deste trabalho foi fundamental para desenvolver a forma final incorporada, sendo a pesquisa qualitativa e a técnica estudo de caso.

O estudo de caso foi escolhido por suas características fundamentais no que diz respeito à pesquisa de eventos reais:

[...] o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e maturação de alguns setores. (YIN, 2001, p.21).

Este relatório priorizou o esclarecimento técnico do conteúdo apurado até o momento. Evidenciando o passo a passo da construção do produto de maneira objetiva e lúdica.

Fica claro neste documento que o livro-reportagem produzido contempla assuntos cotidianos, podendo ser relato dos fatos e/ou um conjunto variado de personagens, como previsto na norma geral para elaboração de trabalho de conclusão de curso em jornalismo.

Conclui-se também que o objetivo inicial do projeto foi alcançado, dando voz às famílias homoparentais a partir do compartilhamento de suas histórias, e demais opiniões que pudessem aprofundar conhecimento sociológico e psicológico no que diz respeito ao conceito de família na sociedade.

Para se compreender o porquê acontece a frequente rejeição do grupo família homoparental, foi necessário conhecer as histórias por detrás, e assim identificar os fatores motivadores da resistência. Durante a pesquisa e a participação das fontes encontradas no livro-reportagem, UM TUDO E O TODO, foram identificados dois fatores frequentes que explicam o motivo do preconceito sofrido pelo grupo. São eles: O conservadorismo religioso e a falta de conhecimento no que diz respeito à realidade dessas famílias.

Este trabalho permite que o leitor conheça de uma maneira mais profunda a realidade dessas famílias, e assim, promovendo também uma reflexão sobre os conceitos que tem dominado seu olhar e conseqüentemente sua postura diante o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

CROCHIK, José Leon. **Preconceito Indivíduo e Cultura**. Editora Casa do Psicólogo, 2006, p. 36.

DORNELES, Carlos. **Bar Bodega**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

FIGUEIRÊDO, Luiz Carlos de Barros. **Adoção para Homossexuais**. Curitiba: Editora Juruá, 2008, p.25.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas 6º Edição, 2008, p. 112.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, pp. 35-36.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p. 29.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 64.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base**. São Paulo: Ática, 1995.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso - Planejamento e métodos**, 2001, p.21.

O Globo: **“Pai, mãe e filhos” já não reinam mais nos lares**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/pai-mae-filhos-ja-nao-reinam-mais-nos-lares-5898477>> Acesso em: 28 set 2016 às 15h48

DIAS, Maria Berenice. **Artigo: Filiação homoparental e reprodução assistida**. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/15_-_filia%20homoparental_e_reprodu%20assistida.pdf> Acesso em: 28 set 2016 às 15h59

ZAMBRANO, Elizabeth. **Artigo: Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais**, 2006, p. 124. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a06v1226.pdf>> Acesso em: 29 set 2016 às 14h06

Portal Câmara dos Deputados: Projeto de Lei 620/2015. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FC5C557DE6D329C5ABE9B776BEA5A10B.proposicoesWeb1?codteor=1159761&filename=PL+6583/2013> Acesso em: 30 set 2016 às 13h17

Portal Câmara dos Deputados: Câmara aprova Estatuto da Família formada a partir da união de homem e mulher. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879-CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html>> Acesso em: 30 set 2016 às 13h20

DIAS, Maria Berenice. **Artigo: Que Família**, 2013. p. 2. Disponível em:
<http://www.mariaberenice.com.br/uploads/que_fam%EDia.pdf> Acesso em: 04 out 2016 às 14h12

Portal UOL: Conheça o significado das cores da bandeira LGBT. Disponível em:
<<http://noticias.ne10.uol.com.br/mundo/noticia/2016/06/28/conheca-o-significado-das-cores-da-bandeira-lgbt-623015.php>> Acesso em: 04 out 2016 às 15h10

Portal Senado: Art. 226. Disponível em:
<http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_226_.asp> Acesso em: 12 out 2016 às 11h03

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista Brunella Carla Rodriguez.

Data: 12/04/2016

Entrevistado:

Psicóloga graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008) e mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

Perguntas:

S: Sabemos que o mundo sempre vai estar em constante mudança, mas mesmo assim algumas dessas mudanças ainda são consideradas inaceitáveis por uma parte da população. O que você acha que faz com que as pessoas resistam tanto à ideia de que uma família possa ser formada por pessoas do mesmo sexo?

Brunella: Eu acredito que a resistência da sociedade em geral com relação à homoparentalidade tem por detrás a questão da homofobia. A homofobia, como uma repulsa à todo indivíduo ou comportamento que remeta à homossexualidade, está relacionado ao contexto heteronormativo no qual vivemos. Esse contexto imbricado na família remete ao modelo familiar tradicional (nuclear monogâmica e heterossexual), tão defendido e sacralizado como se fosse o único modelo familiar, natural e inequívoco... Quando sabemos que a instituição família nem sempre existiu, muito menos nesses moldes como a estão reclamando. Bom, com isso, os argumentos mais utilizados contra a homoparentalidade são: (1) a necessidade de preservação da instituição família, em defesa da ordem familiar, contra o casamento e a filiação homossexual e (2) a necessidade de resguardar o simbólico como condição da cultura e emergência da subjetividade. No meio psicanalítico a discussão está pautada acerca do conflito edipiano nesse contexto homoparental, o questionamento é sobre os possíveis efeitos da suposta ausência da diferença sexual na constituição subjetiva da(s) crianças, além de outros temas que permeiam o fenômeno, como o preconceito e as estratégias dessas famílias para viver em um contexto heteronormativo.

S: Você acredita que as pessoas que demonstram essa resistência não conseguem enxergar o vínculo emocional que também existe nesses grupos?

Brunella: Não, eu acredito que o fato dessa ser uma realidade que está ganhando visibilidade mais recentemente faz com que as pessoas não tenham proximidade e perdure então a dúvida, os receios pautados em concepções homofóbicas e sem fundamentação crítica. Mas, otimista que sou, acredito que se e quando os sujeitos se dispuserem a olhar de perto a realidade homoparental poderão perceber que são famílias de verdade, com vínculos e questões conflituosas como qualquer outra família. São famílias sedentas por participar e pertencer a grupos mais amplos, buscando legitimar também seu formato familiar.

S: Muito se fala também que as crianças terão problemas psicológicos por não se enxergarem em uma família tradicional. A criança pode realmente se sentir muito pressionada na escola ou em outros ambientes por pertencer a uma família homoparental?

Brunella: Quanto às possibilidades dos filhos de pais/mães homossexuais sofrerem preconceito na escola ou em outros ambientes sociais, as pesquisas indicam que a homofobia pode surgir sim, e que a reação das crianças depende em grande parte da forma como os pais tratam o assunto tanto em família como na escola também. Os pais homossexuais em geral sabem desse risco e tendem a preparar os seus filhos para lidar com possíveis questionamentos e ataques homofóbicos. Esses mesmos pais costumam ter o cuidado de tratar com a escola e toda a equipe acerca da questão, para proteção de seus filhos e instigação de vivência mais igualitárias e justas na sociedade.

S: Hoje são muitas as opções de constituir uma família, podendo ser por meio da adoção ou a fertilização in vitro, por exemplo. Existe momento certo para que os casais expliquem aos seus filhos o porquê dele ter duas mães ou dois pais? Ou essa questão é algo que vem naturalmente e deve ser esclarecida de acordo com as dúvidas dos pequenos?

Brunella: Com relação ao momento para se explicar aos filhos sobre a realidade homoparental, se ela é uma construção como qualquer outra, por que haveria de ser explicada? Agora se estamos falando em casos de adoção, como já sabemos, o

ideal é que se aguarde o momento em que as crianças comecem a apresentar as dúvidas, a fazer os seus questionamentos e daí os pais podem começar aos poucos e em uma linguagem acessível às crianças, explicando assuntos sobre sua origem, sobre a adoção, etc...

S: Os mais resistentes a estes formatos de família costumam afirmar que tais explicações como gestação por substituição, anonimato do doador, fertilização in vitro são termos que provavelmente vão confundir a criança e prejudicar seu raciocínio a respeito do que é família. Como os pais podem se preparar para esclarecer tais dúvidas ao decorrer do crescimento da criança?

Brunella: Os pais podem criar as suas próprias formas de contar suas histórias, desde que a criança seja respondida em sua questão e que os pais tenham a sensibilidade para fornecer as informações necessárias de forma natural e simples. De qualquer forma é comum receber na clínica pais que estão inseguros com relação às questões parentais e uma terapia pode ser sempre útil para sanar as dúvidas de um sujeito, ainda mais quando essas podem estar relacionadas com questões de fundo transgeracional (relacionado às heranças geracionais familiares/legados).

S: Outra questão levantada é a saúde mental tanto dos pais quanto da criança. Que a falta de uma figura feminina ou masculina possa afetar o relacionamento da própria família com outras pessoas. Isso se confirma?

Brunella: Para responder à essa pergunta é preciso colocar-nos uma outra pergunta anterior: O que seria feminino e masculino? A discussão acerca de sexo, gênero e todos os temas que decorrem dessas instâncias podem nos colocar em uma saia justa. Atualmente, sabemos que essas posições binárias, mulher/homem, heterossexualidade/homossexualidade, feminino/masculino, pai/mãe, posição materna/posição paterna, dentre outras, são extremamente limitantes diante das múltiplas possibilidades de ser e relacionar-se no mundo. Portanto vou responder a sua pergunta de forma sucinta, toda criança necessita conviver com a diferença, com a alteridade, para que se constitua como sujeito, mas essa diferença não precisa ser a diferença sexual. Precisa ser diferença! É isso o que muitos estudos psicanalíticos, que se prezam por repensar as formulações ortodoxas a respeito do complexo de Édipo (de fundo patriarcal, cabe dizer) vem tentando desconstruir, essa

suposta dependência entre a diferença e a sexualidade não é a garantidora de saúde psíquica. Podemos nos questionar então se nas famílias heteronormativas (incluindo as monoparentais, que são a maioria atualmente) as crianças tem garantido um formato familiar saudável e isento de riscos psíquicos...

S: Qual a importâncias dessas duas figuras no desenvolvimento da criança?

Brunella: O que importa para a saúde psíquica de uma criança é que ela faça parte de uma família que possa prover para ela vinculação afetiva de qualidade. E para que esta se constitua como sujeito – ser inserida no simbólico - é preciso que alguém encarne o outro, capaz de promover alteridade. Esse outro não necessariamente é um pai, como seria chamado por Freud, mas um cuidador que insira a criança na cultura, no social.

S: A faixa etária da criança adotada tem repercussões diferentes no desenvolvimento? Ou isso depende exclusivamente da educação e convivência da família Homoafetiva?

Brunella: Essa pergunta eu não sei responder.

S: Costumamos ouvir que filhos de casais homossexuais tendem a ser homossexuais também. Você poderia comentar a respeito dessa ideia que ainda permeia entre muitos pais de famílias tradicionais?

Brunella: Esse receio de que os filhos de pais homossexuais teriam maiores chances de se tornarem homossexuais também já caiu por terra, há diversas pesquisas que apontam que isso não acontece. Além disso, os estudiosos costumam brincar que os homossexuais nascem de famílias heterossexuais, teríamos que pensar o que deu errado nessas? Ser homossexual teria algo de errado?

ANEXO B – Entrevista Gabriela Ogg e Camila Pedro.

Data: 08/05/2016

Entrevistados:

Gabriela, 26, técnica em enfermagem.

Camila, 27, empresaria.

Depois de dois anos de união decidiram aumentar a família com ajuda da fertilização in vitro. Moram em São José, Santa Catarina, e o método de reprodução assistida escolhido pelo casal esta em andamento, sendo finalizado no final do mês de maio.

Perguntas:

S: Quando e como se conheceram?

Camila: Os nossos pais são casados. O meu pai é casado com a mãe da Gabriela. A gente se conhece há muitos anos, meio que como irmãs. Não fomos criadas juntas, mas sempre tivemos muito contato saindo com a família. Há uns 4-5 anos eu comecei a me interessar pela Gabriela. A Gabriela era casada e eu também. Eu me separei e a Gabriela continuou casada. A gente começou a sair até que ela se separou e já veio morar comigo e a gente já casou.

S: O que você acha que faz com que as pessoas resistam tanto à ideia de que uma família possa ser formada por pessoas do mesmo sexo?

Camila: Porque elas gostam de viver de aparências, na minha opinião.

Gabriela: Também. E também tem aquelas pessoas que “como vai ser para uma criança explicar que não tem pai” ou “como explicar pra uma criança que ela não tem mãe”. As pessoas pensam muito nisso.

Eu tenho uma sobrinha de sete anos e pra ela é totalmente normal, ela adora, ela diz que eu e a Camila somos mães dela, por exemplo. Isso é da cabeça das pessoas, ela não tem trauma nenhum por causa disso. A sobrinha da Camila também não, muito pelo contrário, para elas é muito natural.

S: Sempre tiveram o apoio das famílias?

Camila: No meu caso a minha mãe não aceitou no começo, mas depois de um mês ela agiu naturalmente. Mas no início ela fez um escândalo, disse que eu ia para inferno, que eu ia matar ela, mas depois foi tranquilo.

Gabriela: A minha mãe me ajudava a encontrar com a Camila, mas aí quando a gente resolveu ficar juntas ela pirou um pouquinho também. Ela ficou meio estranha

por um tempo, mas depois ficou normal. Foi por pouco tempo. Mas eu acho também que foi um pouco ciúme, porque logo que ficamos juntas eu vim morar aqui.

O ciúmes aqui envolve muita gente. A mãe da Camila é rival da minha mãe “a mãe da Camila acha que minha mãe roubou o pai dela”. Entendeu?

Camila: Na verdade o problema maior com a família foi isso, não foi nem tanto que a Gabriela gosta de mulher. Não. Era da família mesmo.

Gabriela: A minha mãe foi mais ciúmes por eu vir morar aqui perto da mãe da Camila, que ela já não se dava, não se falavam. Acho que foi ciúmes. A Camila que no início quando resolveu se assumir que ela tinha o que? 14-15 anos, não teve muito apoio não. Só do pai dela.

S: **A homoafetividade ainda é um tema muito discutido e incompreendido. Por conta disso, vocês passaram por alguma situação desconfortável na rua? Qual?**

Gabriela: Situação na rua eu acho que não. A gente anda de mão dada sempre, eu vejo muitos olhares, as pessoas olham muito, principalmente idosos. No meu trabalho foi pior.

S: **Você sentiu mais diferença no ambiente de trabalho?**

Gabriela: Eu tinha um colega que era pastor e ele trabalhava junto comigo. E quando ele descobriu ele discutiu comigo, ele disse que eu ia para inferno, ele disse horrores de coisas pra mim. E até pouco tempo eu não falava mais com ele, até um dia que a gente se cruzou e ele me deu oi, dei oi pra ele, mas a gente não se fala por causa disso. E ficou aquela coisa assim, que no começo quase ninguém sabia, eles só achavam que sabia, mas eu também não falava nada. Aí tinha aquela coisa, fofuquinha por trás, falar por trás. Pra mim foi a pior situação que eu tive.

S: **Ele era um amigo próximo?**

Gabriela: Ele era do meu plantão, a gente trabalhava todo dia juntos. E a gente se dava bem porque antes de trabalhar lá, oito meses antes, meu avô ficou internado lá três meses no setor onde eu trabalho hoje. E ele cuidou muito do meu avô, fez uma amizade muito grande com a minha avó, com as minhas tias com a minha mãe.

Então quando eu fui trabalhar lá ele já me conhecia. Então como minha avó é da igreja e eu também era jamais ele esperava isso, disse que foi uma decepção. Ele achou que por causa disso tinha o direito de falar àquilo pra mim.

Camila: Quando a gente foi se casar também.

Gabriela: Teve outra guria no meu trabalho que quando ela soube que a gente ia casar no civil ela fez fofoca, ela começou dizer: “Meus Deus morro e não vejo tudo”, assim bem preconceituosa, e também recentemente teve um amigo meu que se assumiu lá e ela começou com piadinha e comentário sem graça.

S: Camila você passou por alguma situação? Sentiu diferença no comportamento de alguém como a Gabriela?

Camila: Eu passava mais quando eu era bem mais nova, eu tinha 15-16 anos, era aquela coisa da escola né *gurizada* “*ah machorra!*” Tinha sempre aquelas piadinhas ridículas na parte da escola. Agora de resto não, sempre foi bem tranquilo. Parte do trabalho nunca fui desrespeitada em relação a isso.

S: Vocês acha que em algum momento te afetou essas piadinhas quando você era mais nova?

Camila: Na verdade, quando eles falavam, eu gostava de irritar mais ainda. Eu falava: “Sou mesmo!”. Nunca fiquei para baixo por causa de alguma coisa que falaram.

Gabriela: Por causa disso eu não me incomodo não, tem outras coisas que eu me incomodo mais do que isso. Hoje em dia se alguém falar alguma coisa pra mim ou fizer alguma piadinha eu vou achar até graça. Eu estou com a cabeça focada em outra coisa, isso pra mim vai passar batido.

S: Gabriela você falou que era da igreja. Hoje você frequenta?

Gabriela: Assim, depois que eu fiquei com a Camila eu não fui mais. Eu não sei como seria a reação das pessoas, mas, por exemplo, eu frequentava a igreja aonde a minha avó vai até hoje. E eu sei, que quando eu comecei a ficar com a Camila, rolou lá na igreja - por causa do meu Facebook - muita fofoca. Eu acredito que hoje em dia se eu entrar lá eu não vou me sentir bem, todo mundo olhando assim como

se fosse uma coisa estranha. Então, eu evito, acho que não me sentiria bem. Então, não vou.

S: Você acha que se sentiria bem indo em outra igreja?

Gabriela: Eu acho que o povo de todas as igrejas são muito iguais, principalmente evangélica que era onde eu ia. Nessa, por exemplo, se eu for eu acho que eles vão me olhar muito torto por me conhecerem, se eu for em outra não sei. Mas eu sei que eles têm o mesmo pensamento. Eu posso estar errada, mas acho que eles todos tem o mesmo pensamento. Então não tenho muita vontade de ir não.

S: Quando e como foi a tomada de decisão para aumentar a família?

Camila: Quando a Gabriela ainda estava casada a gente resolveu isso. Que a Gabi sempre teve vontade de engravidar. Então a gente resolveu que quando ela se separasse a gente ia dar uma estabilizada na vida e já ia tentar. A gente nem estava casada quando decidimos isso.

S: Como foi à reação das famílias? A decisão já era aguardada?

Camila: A mãe da Gabriela foi a pior, ela não aceitou de jeito nenhum.

Gabriela: A gente teve uma discussão bem feia porque a gente estava ansiosa pra começar e não via apoio dela de jeito nenhum.

Camila: Não por ser duas mulheres tendo um filho. Era só por ter filho. Porque ela teve cinco e se incomodou muito.

Gabriela: Por mais que eu tenha ficado muito triste com ela eu até quis entender um pouco pra de repente eu ficar melhor. Com 25 anos ela já tinha os cinco filhos, a gente passou fome, ela passou fome, ela passou por muito trabalho na gravidez e meu pai também não ajudava muito. Então por esse lado eu entendo que foi um trauma da vida dela, que então ela não deseja isso pra mim.

Mas aí a gente foi conversando com ela que era outra situação, que graças a Deus temos uma vida boa. Ela foi se convencendo e hoje em dia tudo que eu tenho aqui que foi comprado de bebê, a maioria foi ela quem deu. Hoje ela pensa diferente e já fala “os meus netos”. Acredito que ela tenha se arrependido e entendeu, eu acho.

Camila: Foi engraçado porque meu pai nunca apoiou ninguém ter filho por causa da Alexandra (mãe da Gabriela casada com pai da Camila).

Gabriela: Ele falava: “Quem não tem filho que não tenha porque é incômodo pro resto da vida. Não vale a pena”. Eu não sei se é porque a irmã da Camila engravidou com 15 anos e a minha irmã com 16 anos. Então ficou tudo nas costas dele. Ele mandou a irmã da Camila pra fora de casa grávida. Hoje a minha mãe é mais mãe da minha sobrinha do que avó. Então ela acabou tendo que pegar essa responsabilidade pra ela porque minha irmã era muito nova. Então ficamos “meu Deus como vamos contar para o seu pai? Ele vai matar a gente!”.

Camila: Eu mandei uma mensagem para ele por WhatsApp. Ele levou uma meia hora para ver e quando ficou azul eu já comecei a chorar. Ele disse que a nossa felicidade era o que mais importava pra ele.

Gabriela: Foi surpreendente e ele brigou com a minha mãe para que ela aceitasse. A mãe da Camila também ficou feliz, as irmãs também ficaram felizes. A única que foi contra no começo foi minha mãe, mas ficou tudo bem.

S: Qual modo de reprodução vocês escolheram? Por quê?

Gabriela: A gente escolheu esse porque é o que mais tem chance de dar certo. Porque na inseminação artificial a chance de dar certo é de 15 a 20% de um casal normal, homem e mulher em cada ciclo. Então escolhemos a in vitro porque sairia mais ou menos no mesmo preço e a chance seria maior.

Só que este mesmo preço seria se eu fosse doadora de óvulo. Eu sendo doadora de óvulo a receptora (que seria a mulher que iria receber) ela pagava para clínica 50% da medicação que eu usaria. Aí sairia mais ou menos o mesmo valor da inseminação artificial.

Camila: Então pagaríamos o sêmen, metade da medicação, anestesista e ultrassom.

Gabriela: Com anestesia ela faz a punção dos óvulos, em centro cirúrgico ela pulsiona o meu útero e capta todos os óvulos. Aí em laboratório ela fecunda eles e os dois melhores de 3-5 dias ela transfere para mim novamente. Doze dias depois eu faço o BETA pra saber se deu positivo ou negativo.

S: Você esta sentindo algum efeito colateral das medicações?

Gabriela: Eu tinha muito medo de me aplicar. A picadinha ¹⁰nos três primeiros dias não doeu muito. Dói quando o líquido entra que é gelado. Eu senti muita cólica nesses três primeiros dias. Na segunda medicação que eu comecei ontem eu senti muito enjoo e muita dor de cabeça. Hoje eu só estou sentindo dor no lugar da injeção de ontem porque ficou dolorido. São mais ou menos quinze dias de tratamento.

S: Tem uma rotina? Você tem que tomar sempre no mesmo horário?

Gabriela: Sempre às 20h. Hoje eu tenho que tomar duas diferentes. Um para estimular o crescimento e outra para não amadurecer antes do tempo. Então hoje são duas uma às 19h e outra as 20h. Tem que ser exatamente em ponto, não pode atrasar, não pode adiantar.

S: Qual custo da fertilização? Vocês já estavam se programando?

Gabriela: A gente não estava programando porque a gente pensou que daria certo a doação¹¹.

O sêmen é o mais caro de todos porque num tratamento de fertilização de um casal homem e mulher é mais fácil porque eles não precisam comprar sêmen e a gente precisa. Depois quando ela disse que eu não poderia ser doadora caiu a casa. Vamos ter que arcar com tudo que vai dar mais ou menos 22 mil e doando sairia em torno de 7 mil.

S: Vocês pensam no sexo do bebê? Existe alguma preferência?

Gabriela: Eu acho que vai ser um casal.

Camila: A médica já avisou que se der certo é 90% de chance de ser um casal. Gêmeos.

Gabriela: Existe uma lei de fertilização in vitro que de acordo com a idade tantos embriões podem ser transferidos. Como eu tenho 25 anos por lei eu só posso

¹⁰ Injeção para estimular a produção de óvulos.

¹¹ O processo fica mais barato quando a paciente faz doação de metade de seus óvulos. Neste caso a receptora dos óvulos doados se compromete a pagar metade da medicação da doadora. Mas Gabriela não produziu o suficiente para doar.

receber dois embriões, porque a chance de vir os dois é de 90%. Uma mulher de 40 anos, por exemplo, podem ser transferidos quatro embriões, porque é mais difícil de dar certo um e no meu caso é muito mais fácil de dar certo os dois. Mas se vir um esta bom e se vir os dois também esta ótimo.

Camila: A gente já tem roupinha pra casal, um monte.

S: Vocês pensaram na hipótese de adotar?

Gabriela e Camila: Não.

Gabriela: Eu não sei se é preconceito da minha parte, eu acho que não. Eu sempre tive vontade de gerar de engravidar de ter desde o exame positivo até a hora do parto. Eu não sei, então numa hipótese de não dar certo, que não vai acontecer, a gente pode até pensar. Mas eu não estou pensando num negativo. Eu nunca pensei na adoção por essa vontade de engravidar que eu tenho.

Camila: Pra mim não teria problema de adotar ou ser gerado. Só não quero gerar.

Gabriela: A decisão de gerar é totalmente minha.

Camila: Eu sempre quis ter, mas aquela coisa desde pequena de sonho de criança de ser mãe de engravidar nunca tive. Eu sempre pensei em adotar porque a pessoa que eu era casada antes não queria.

S: Qual a sensação de imaginar que no próximo dia das mães a Gabriela já pode estar com um barrigão ou estar com os dois nos braços?

Gabriela: Não. No próximo dia das mães já vamos ter eles aqui já. Já vou ganhar vários presentes. Eu já me considero totalmente, me considero desde que comecei tomar remédio e pensei assim “eu não vou beber”. A gente já reformou o quarto, já que vai ser deles, um quarto bem grande para os dois. A gente já pintou a casa para receber eles. Então tudo esta pronto praticamente. Já fomos em loja de criança pesquisar preço de berço. E para você ter uma noção do quanto a minha mãe mudou ela disse que quando eu ganhar que ela vai desmontar o escritório que ela tem para fazer um quarto pra eu e a Camila ficar. Então eu acho que a gente já se sente um pouco mãe por toda essa preparação que a gente já teve em casa. Já pensamos mais neles do que na gente mesmo eles ainda não estando aqui.

S: Na opinião de vocês - falta muito para sociedade enxergar o afeto que existe nas famílias homoparentais?

Gabriela: Aqui o povo olha o povo comenta, mas não tem essa violência não tem essa agressão.

Camila: Eles comentam entre si sabe. Não são de gritar de xingar de fazer violência. A gente não sabe dizer tanto numa parte geral, mas aqui esta bem tranquilo. Esta bem perto de mudar as coisas e de entenderem mais.

Gabriela: Aqui esta sendo mais normal do que alguns anos atrás.

2º Entrevista

Data: 21/08/2016

S: Quando vocês se casaram no civil?

Gabriela: 09 de novembro de 2015.

S: O processo para o civil aconteceu normalmente? Tiveram alguma dificuldade?

Camila: Foi normal como qualquer casal.

S: Vocês já estão juntas há três anos, mas oficialmente casadas há nove meses. O que fez com que vocês esperassem? Algum motivo específico?

Camila: Na verdade a gente só casou oficialmente por causa do bebê, porque quando resolvemos fazer a fertilização, a parte de registro da criança não tinha entrado em lei ¹²ainda e a gente resolveu fazer o casamento para *Gab* pegar o meu sobrenome. Como a gente ia entrar em processo pra registrar a Valentina, até tudo isso acontecer, como a *Gab* já teria meu sobrenome não íamos precisar mudar nada.

S: Durante a primeira entrevista vocês comentaram sobre alguém que teria feito piada ao descobrir do casamento civil. Quais meios essa pessoa utilizou para fazer isso? Quão ofensivo foi?

¹² Camila esta se referindo ao direito de dupla maternidade. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81780-corregedoria-regulamenta-registro-de-crianca-gerada-por-reproducao-assistida>>

Gabriela: Foi lá no meu trabalho. Não foi feita direto pra mim. Sei que é uma pessoa que fala muito, é muito preconceituosa, fala muito por trás, mas não fala diretamente pra mim até porque eu não tenho contato com ela. Mas uma amiga muito querida minha que me contou que essa pessoa fez a mesma coisa com ela, mas em outro sentido. Quando eu encontro com ela eu não consigo falar com ela de jeito nenhum. Foram comentários no trabalho.

S: Como vocês classificariam essa pessoa? Era uma colega/amiga/conhecida?

Gabriela: Eu não classifico nem como conhecida porque pra mim ela e nada é a mesma coisa. Ela trabalha no mesmo lugar que eu, não é colega não é nada.

S: Gabriela em nossa última conversa a Camila disse que não se sentia afetada pelas piadas na infância e você disse que este tipo de coisa também não te afeta – que outras coisas te incomodam mais – que outras coisas seriam essas?

Camila: Acho que hoje o que incomoda a Gabriela é tudo relacionado à gravidez.

Gabriela: É que não é no sentido de eu e a Camila, mas sim da gestação em si. O que me incomoda muito são os palpites que eu não gosto. É de lei.

S: Desde o começo (processo da FIV) é assim?

Gabriela: Desde antes de engravidar já. Antes do positivo a minha mãe já estava contando que eu estava grávida. Daí eu falei: e se não der certo? E ela disse que já tinha contado.

S: E você Camila fica incomodada com os palpites?

Camila: (Risos) Eu sou muito tranquila. Pra mim é tudo de boa, eu sou mais de deixar a Gab tranquila. A Gabriela é muito estressada com tudo.

S: Gabriela quando você percebeu que sua felicidade não estava mais no seu casamento com um homem, isso te assustou? Em algum momento sentiu medo de ser incompreendida por ter vivido um relacionamento heterossexual anteriormente?

Gabriela: Sim, com certeza. Não foi uma coisa fácil de fazer porque como eu já te falei é aquela coisa de bem tradicional, era casada com um menino, bonitinho como é normal. E pegar e mudar assim, e na outra semana eu já estava morando com a Camila. O povo falou muito, foi uma coisa que eu tive que aprender a partir daí não dar bola para o que os outros falam. Não foi fácil, mas passou não me atingiu muito não. Eu tenho um amigo no meu trabalho que diz que não sabe como eu passei por isso sem ir num psicólogo, por exemplo, fazer um tratamento. Porque o povo falou muito.

S: Camila você se sentia preparada para isso que a Gabriela estava vivendo na época, essa transição?

Camila: Pra mim, foi de boa. A parte mais difícil foi à parte de falar pra mãe dela, mas isso a gente fez quando ela estava casada ainda. Mas quando ela se separou foi tranquilo, foi uma coisa que eu esperava. Pra ela, foi toda aquela parte de contar, e o pessoal saber, e ela ter que aguentar todo mundo sabendo que ela estava com outra mulher. E pra mim não, porque foi a parte de esperar que isso acontecesse. Foi diferente do que ela sentiu para o que eu senti.

S: Como foi à descoberta do positivo? Vocês estavam juntas?

Gabriela: Eu fiz o teste escondida. Eu fiz o teste muito antes do que era pra fazer, era pra fazer com 15 dias depois da transferência e eu fiz com 9 dias. Aí eu fiz escondido o teste em casa de manhã e aí já deu o *tracinho*¹³ do lado já liguei desesperada.

Camila: Ela me ligou chorando “eu não sei se é, mas eu acho que é, mas um risquinho, eu não tenho certeza”. Eu falei: “Gabriela eu não acredito que tu fez! Eu disse pra tu não fazer”. E ela: “Mas eu fiz eu fiz”. Eu fiquei muito sem reação na hora porque eu fiquei com medo de ela ter visto alguma coisa que não era entendeu?

Gabriela: A Camila é meio cega (risos) o que acontece, fiz o teste e como deu bem clarinho ela não viu, mas eu vi, e pra todo mundo que eu mandei viram também o segundo risco. Só ela que não viu.

¹³ Referente à marcação de resultado positivo do teste de farmácia.

Camila: Então naquele dia pra mim foi negativo.

Gabriela: Sabe o que é também? Isso foi dia 27 de maio, mas dia 12 ou 13 de maio eu tomei uma injeção que ela é uma injeção de HCG ¹⁴que é o mesmo hormônio da gravidez. Então se eu tomo essa injeção hoje e não to grávida e amanhã eu faço o teste, ele vai dar positivo, mas é do hormônio que eu apliquei. Então eu fiquei pensando que poderia ter alguma sobra dessa injeção que eu tomei. Surgiu um médico de São Paulo que me segue no Instagram e eu perguntei pra ele se era porque minha médica disse calma, que era pra eu ter calma que tinha que esperar que poderia ser da injeção. Aí eu mandei pra ele e ele disse que não, que a injeção já era pra ter sido eliminada que não ia dar no teste. E mesmo assim eu não acreditei, só no outro dia que eu comecei, na verdade eu não acredito até hoje. Pensei o de hoje deu bem fraquinho, eu vou fazer o de amanhã, se o de amanhã der mais forte é porque é, se der mais fraco é da injeção. E aí deu mais forte.

Camila: Meu Deus dava vontade de sair gritando pela rua.

S: Vocês sentiram medo depois do positivo?

Camila: Eu não, ela.

Gabriela: Eu tenho a cabeça muito fraca, eu fiquei bem apavorada nessas 12 semanas. Só nesse último ultrassom de 13 semanas que eu consegui ficar relaxada por causa desse aparelhinho ¹⁵de ouvir o coração.

S: O que mudou na rotina de vocês depois do sucesso de FIV (fertilização in vitro). Pode ser um pensamento, uma opinião ou um comportamento.

Camila: Tudo. Digo mais pela Gabriela, é pensando só nisso, é chá de fralda, quarto. Esses dias ela olhou pra mim e disse: “Quando a Valentina fizer 3 anos eu vou colocar ela no ballet”. (Risos) Então eu acho que mudou tudo. A rotina continua a mesma, mas o pensamento, se a gente sai à gente vai direto pra loja de bebê.

Gabriela: Tirando algumas faltas no trabalho que às vezes eu não consigo ir. É 12 horas é muito cansativo. Eu achei que eu ia ter colegas bem parceiras, mas eu me decepcionei com muita gente. Da pra contar nos dedos de uma mão quem é que me

¹⁴ Essa substancia foi entregue a Gabriela e usada para amadurecer o óvulo para a coleta.

¹⁵ Doppler fetal portátil é um aparelho que permite ouvir o coração do feto em qualquer lugar.

ajuda lá dentro. Eu me decepcionei muito, principalmente com o meu plantão que são as pessoas que trabalham comigo todo dia. A gravidez não é doença, mas eu não vou entrar num isolamento com uma bactéria multirresistente com a minha imunidade baixa. Eu não vou levantar um paciente obeso de uma cama, porque eu não vou fazer força e elas acham que não. Eu tive que falar para uma: “Olha eu não tenho outra chance, se tu engravidar e perder, Deus livre, mas um dia tu tem outra chance, tu tem o teu marido. Eu não tenho outra chance e eu não vou pagar o que eu paguei de novo pra fazer porque é um tratamento muito horrível”. O pessoal não entende. É uma gravidez normal? É uma gravidez normal, mas eu tenho que ter mais cuidado, não foi uma coisa espontânea foi uma coisa artificial. Eu tive que recorrer a chefe do meu setor, foi como eu consegui resolver.

S: Como as duas famílias têm agido nessa nova fase?

Gabriela: Olha muito presente, principalmente agora com a confirmação de que é menina. Eles estão bem ansiosos.

Camila: Meu pai é bem babão.

Gabriela: Já estamos combinando chá de fralda, já tem o dia, já estou indo atrás das coisas, já estou fechando contrato pra fazer o ensaio de gestante porque agora esta passando bem rápido.

S: Como vocês resumiriam esse período? Desde o começo do tratamento ao que vocês estão vivendo agora.

Gabriela: Eu faria de novo com certeza, mas não é um tratamento fácil. Eu digo que eu aprendi muito a ver que às vezes as coisas não são como eu quero, foi totalmente diferente do que eu imaginei, porque eu pensei que daria tudo certo, mas deram varias coisas errado. Do começo do tratamento até agora a médica só deu notícia ruim pra gente, o único dia que eu a vi mais otimista foi o dia da transferência só. A Camila sabe, deu tudo errado praticamente, quase que a gente tem que parar e começar tudo de novo. Ela ainda deu essa sugestão pra gente, porque era pra eu ter vários óvulos e eu tive só nove, aí eu não pude ser doadora. Eu não reagi bem a medicação, ela ficou desconfiada que eu tinha endometriose, meu endométrio não estava bom, tive que usar um gel para ver se melhorava. Aí no dia da transferência melhorou e deu tudo certo, o embrião estava ótimo. Mas foi só no dia da

transferência que eu tive notícia boa. Foi horrível, tinha tudo pra desistir. Falamos pra ela: “A gente não vai parar, vamos continuar”. A Camila falou pra ela: “Não vou parar porque a medicação é muito cara”, e a gente já tinha gastado um monte. E se a gente tivesse parado já pensou? E eu imaginei que ia ser tudo perfeito, que eu ia ter vários óvulos e ser doadora e que ia ser rápido. E não foi, foi totalmente diferente.

Eu falava: “Ah depois do positivo é só curtir cada momento”, jamais, de jeito nenhum, não adianta, eu acho que pra mim foi um aprendizado.

Camila: Foi como deveria ter sido.

S: Como vocês definiriam o que é família?

Camila: Ah família é isso aí entendeu? (Risos) Família é estar junto, é cuidar, na verdade família não tem definição, pode ta tu sozinha, tu e mais uma pessoa, tu e um cachorro entendeu? Pode tu te cuidando ou cuidando de outra pessoa ou duas pessoas cuidando de uma, não importa.

3º Entrevista

Data: 16/10/2016

S: Gabriela por quanto tempo você foi casada anteriormente?

Gabriela: Quase três anos.

S: Sei que decidiram se casar para facilitar processos futuros, como o registro da Valentina, mas pouco sei sobre esse dia de vocês. Como foi para cada uma?

Gabriela: Eu achei bem legal, eu casaria de novo. Foi bem bonito assim porque foi de manhã, e Camila foi trabalhar ainda mais cedo e voltou. Depois a gente foi casar, a juíza falou um monte de coisa legal, agora eu não vou lembrar, mas tem o vídeo tudo. Aí depois a gente veio almoçar na mãe da Camila, à tarde a Camila ainda foi trabalhar e a noite a gente foi jantar lá na minha mãe.

Camila: A minha mãe fez o almoço e a mãe dela fez a janta.

Gabriela: Foi um dia de semana aí não dava pra fazer muita coisa.

Camila: Mas foi bem bonita a cerimônia, a juíza era bem legal.

Gabriela: Foi simples, mas foi bonito.

Camila: Ela falou umas coisas bem bonitas sobre família, de cuidar uma da outra e tal, para sempre não sei o que, foi bem bonito mesmo. Eu achei que por a gente ser duas mulheres, sei lá, que a gente fosse ser mal recebida. Que ia ser assim “ah pronto, estão casadas” assina o papel e vai embora, mas não foi.

S: **Eu senti que em nossa última conversa a “ficha da maternidade” ainda não tinha caído porque a Gabriela ainda não estava tão segura, a não ser com a presença do detector fetal. Como vocês estão se sentindo agora?**

Gabriela: Eu não sei porque eu acabei de fazer um teste de gravidez pra ver se estava grávida mesmo.

Camila: Ela acabou de fazer.

Gabriela: Olha, agora não tem como não acreditar porque a gurria se meche toda hora, toda hora, toda hora e me acorda. E não dá assim, a Camila lê pra ela, ela meche um monte, tá toda vida marcando presença. Então não tem como, tá toda hora lembrando: “Eu to aqui”. Tem dia que eu nem ouço mais o coração porque não tem nem porque.

ANEXO C – Entrevista Alexandra Alves e Denise de Miranda.

Data: 01/06/2016

Entrevistados:

Alexandra, 40, jornalista.

Denise, 32, analista financeiro.

Alexandra é natural do Rio de Janeiro, passou a adolescência em Natal, Rio Grande do Norte e veio para São Paulo em 2000. Denise é de São Paulo. Se conheceram em 2005 e estão juntas desde então. O sonho da maternidade tornou-se realidade em 2014, com Alice, filha do casal.

Perguntas:

S: O que você acha que faz com que as pessoas resistam tanto à ideia de que uma família possa ser formada por pessoas do mesmo sexo?

Alexandra: Porque durante séculos o que se pregou, influenciado totalmente pela igreja, é que a família deveria ser formada por um homem e uma mulher. Sabemos que o homossexualismo não é obra do pensamento moderno, sempre existiu, porém, os dogmas da igreja católica e da formação da sociedade escondiam tal realidade. São valores que se perpetuam com o tempo e, para alguns, são inquestionáveis.

S: Há quanto tempo se conhecem e estão juntas?

Alexandra: Nos conhecemos a 11 anos aqui em São Paulo, mesmo tempo em que estamos juntas. Eu, no auge dos meus 28 anos, coordenava o curso de publicidade de uma faculdade aqui em São Paulo, quando me encantei, e ela também, por uma aluna. Quando começamos a nos relacionar, e até mesmo para evitar *buchichos*, me desliguei da faculdade e seguimos as nossas vidas até hoje.

S: A homoafetividade ainda é um tema muito discutido e incompreendido. Por conta disso, vocês passaram por alguma situação desconfortável? Qual?

Alexandra: Eu costumo dizer que eu carrego todos os preconceitos do mundo: negra, gorda e gay. E sigo minha vida sendo bem aceita em todos os lugares. Acredite, as pessoas são muito mais resistentes ao fato de ser negra do que ser gay.

S: Quando e como foi a tomada de decisão para aumentar a família?

Alexandra: Decidimos ter um filho e aumentar a família em 2011. Eu estava bem posicionada na Universidade onde trabalhava, havíamos comprado uma casa e Denise estava temporariamente em casa. Porém, um golpe do destino fez com que os planos fossem adiados, pois eu fui desligada da Universidade e Denise contratada por um grande banco. Deixamos os planos guardados até 2013 quando tudo se estabeleceu novamente e vimos que havia condição financeira e emocional para tocarmos o nosso projeto de família adiante. Sem falar que nossos pais cobravam também netos.

S: Qual modo de reprodução vocês escolheram? Por quê?

Alexandra: Fizemos uma FIV (Fertilização em Vitro), pois as chances de dar certo na primeira tentativa eram maiores do que em uma inseminação. Para tanto, foi utilizado sêmen de um banco da clínica de fertilização.

S: Vocês pensavam no sexo do bebê? Existia alguma preferência?

Alexandra: Denise queria um menino (Lorenzo) eu queria gêmeos. Quando soubemos que era uma menina, a emoção foi à mesma, o fato de sermos mães já era o bastante.

S: Vocês pensaram na hipótese de adotar?

Alexandra: Sim, caso a inseminação não desse certo.

S: Recentemente a Corregedoria Nacional de Justiça tornou mais fácil, e automático, o registro de crianças geradas por reprodução assistida no país. Porém antes o processo era mais demorado, tendo que aguardar um despacho do juiz. Vocês enfrentaram alguma dificuldade para registrar a Alice?

Alexandra: Sim. Antes de ela nascer nós já havíamos contatado um advogado para adiantar o processo de registro que não foi possível, pois para a justiça, o fato deve estar consumado, ou seja, necessitavam da comprovação do nascimento da Alice para que o processo fosse real, algo do tipo. Para mim, que não sou a mãe biológica foi um período bem tenso, ter a incerteza de que você poderia ter negado o direito de ser mãe. Graças a Deus, a juíza de Vargem Grande Paulista, logo na primeira audiência viu que era clara a relação de maternidade que existia entre nós, que a Alice identificava claramente que tinha duas mães e deu a sentença favorável na mesma hora, juntamente com o Ministério Público que, inclusive havia solicitado uma visita do psicólogo, mas também declinou frente à comprovação clara de minha maternidade, pois Alice estava conosco no dia da audiência e não saía do meu colo.

S: O projeto carioca chamado Todas as Famílias vai mudar o significado da palavra família em parceria com o Dicionário Houaiss. Qual definição vocês mandariam?

Alexandra: Difícil definir. Para mim família é sinônimo de amor.

S: Vocês pretendem aumentar a família?

Alexandra: Não, ficaremos só com a Alice. O custo para que isso aconteça é muito alto e queremos dar o melhor para ela. Ponderamos muito essa questão, o fato dela ter alguém para dividir, mas a família da gente é muito grande e ela tem vários primos próximos, inclusive um da idade dela que mora ao lado de nossa casa e é criado como irmão.

S: Em sua opinião - falta muito para sociedade enxergar o afeto que existe nas famílias constituídas por dois pais ou duas mães?

Alexandra: Na verdade eu acho que falta mais amor e respeito de uma forma geral independente da formação familiar.

2º Entrevista

Data: 27/08/2016

S: Quando vocês casaram no civil?

Denise: A gente tem união estável, a gente não é casada no civil, quando a gente queria casar ainda não tinha o casamento no civil. Então a gente fez a união estável, eu só não lembro quando.

Alexandra: Acho que foi em 2010.

S: O processo aconteceu normalmente? Tiveram alguma dificuldade?

Alexandra: Não. Na verdade eu nem sabia que existia. A gente namora desde 2005 né, e aí eu tinha uma amiga que tinha comentado que a irmã dela tinha casado. E aí eu falei “mas é possível?”. Aí foi quando ela falou que existia uma associação LGBT na Praça de Republica, e que ela tinha casado, que era possível fazer a união estável, que já estava liberado. Foi quando comecei a conversar com a Denise da possibilidade, até porque nós já tínhamos planos de formar uma família. Aí a gente foi atrás da documentação, vi que era muito simples, na verdade é a mesma burocracia de um cartório, só que como a gente não tinha esse reconhecimento do cartório, então a gente foi até a associação, entregamos documentos. Certidão, RG, comprovante de residência, esse tipo de coisa. Eles deram entrada no cartório pela associação LGBT. Teve uma taxa, que agora eu não lembro que taxa foi essa, mas

acho que uma taxa relativa a cartório. E aí a gente agendou uma data pra ir até a associação e foi aí onde foi à coisa da magia que existe por trás do casamento, não importa o gênero.

Na cabeça da gente era um casamento mesmo, tanto que os amigos meus da minha época de adolescência vieram do Rio de Janeiro pra serem os padrinhos, outro casal de amigos nossos a gente convidou também pra ser os padrinhos. Meus pais não puderam vir, mas os pais da Denise foram, enfim. Foi como um casamento mesmo, depois marcamos uma festa. E na hora que a gente chegou na associação, acho que a pessoa não esperava, porque pra eles era assinatura de um documento, pra gente era toda uma formalidade de uma festa. Tanto que eles nem estavam muito preparados pra isso e aí eu conversei com eles e perguntei se eles podiam fazer o papel de juiz de paz mesmo, eles fizeram esse papel, falaram algumas coisas, a gente fez as fotos, tanto dos preparativos meus e dela, antes do casamento, maquiagem, cabelo, esse tipo de coisa. Seria como se fosse um casamento no civil, acho que a comparação teria sido essa, e aí anos depois surgiu essa possibilidade. Mas aí, vias de fato, a única coisa que iria alterar era o estado civil, pelo que a gente pesquisou na legalidade seria apenas essa questão do mudar o status civil, a inclusão ou não do nome, que não era o caso pra gente porque o vínculo já estava estabelecido, e essa era a preocupação da gente. Que a sociedade nos aceitasse como um casal, como uma família e aí por isso a necessidade do documento.

S: Mas para se sentir confortável ou seguro?

Alexandra: É, para resguardar direitos, na verdade é isso.

S: Como foi à reação das famílias quando assumiram o relacionamento?

Denise: Eu não tive muito problema, na verdade o meu pai que ficou mais, assim não falava muito com a *Le*, não queria ter muito contato. A minha mãe a princípio falou que não queria ver a Alexandra, mas passou uma semana, 15 dias a Alexandra já estava frequentando a minha casa. A gente se conheceu na faculdade. Eu fazia faculdade né, de publicidade e propaganda e a Alexandra era minha coordenadora na faculdade. Hoje eu fico bem feliz e sou bem feliz porque a gente não teve muito problemas. Meus pais sempre gostaram da *Le*, no começo não

queriam que ela fosse pra casa, mas como eu falei, passou 15 dias ela já estava frequentando minha casa, meus irmãos acolheram ela super bem, então não teve muito problema. Meu pai demorou um pouquinho pra aceitar, assim é um direito dele assim, mas ele nunca maltratou, nunca fez nada, mas ele estava no direito dele de aceitar ou não entendeu? Mas ele sempre respeitou.

Alexandra: Na minha família assim, eu não falei a princípio, sempre houve um resistência e eu sempre morei fora. Eu saí de casa muito cedo, antes mesmo de descobrir a sexualidade, eu me senti incomoda de estar em casa. Então como eu comecei a faculdade muito jovem, com 20 anos eu já morava praticamente na casa de uma amiga, passava muito mais tempo na casa dela do que na casa dos meus pais, até porque eu sempre me sentia muito sufocada. Meu pai era militar, ele não era tão rígido, mas tinha umas coisas de sair, de liberdade, de conversa, minha família nunca foi de conversar, a gente nunca conversou sobre nada. Então eu tinha essa necessidade de sair, e aí quando eu terminei a faculdade e eu tinha acabado de ser contratada pela Universidade como docente, que era uma supressa pra mim, que até então não estava nos meus planos quando eu terminei a faculdade – ser professora. Eu queria trabalhar na TV, no impresso, mas enfim, nunca tinha passado pela minha cabeça essa possibilidade. Só que Natal ela era uma cidade que te restringe muito e eu tive a necessidade de sair e vim pra São Paulo. Não tenho familiares, até então não tinha familiares em São Paulo. Vim com a cara e a coragem e aí eu comecei a me fazer, a me descobrir, comecei a fazer muito terapia para me assumir e os pais da gente sabem de uma certa forma, eles não são loucos. Mesmo antes de se declarar né, eles sabem, tanto que eu nunca falei diretamente pros meus pais, a não ser quando eu fui casar e quando eu fui ter a Alice. Quem contou pros meus pais, quem na verdade só comunicou que eu namorava foi a minha irmã, porque numa conversa no carro quando ela veio pra São Paulo ela comentou “meu pai e a minha mãe sabem que vocês namoram”. Então aquilo pra mim foi um alívio porque eu não precisei falar. E a partir daí fluiu, eles adoram, tenho mais dois irmão, a Denise é a nora adorada, é pra quem eles ligam, é com quem eles conversam, é com quem eles reclamam das outras noras (risos), mas a Denise é a pessoa que eles amam, que eles tem como referência, e meio que com isso eu me tornei referência pra minha família.

Mas enfim é uma batalha, uma jornada que você tem. Hoje graças a Deus com a Alice é bem diferente, ela vive num ambiente onde todo mundo aceita. É comum. Não há distinção, pra Alice não faz a menor diferença, ela pergunta. Às vezes ela brinca “papai”.

Denise: Eu tenho um sobrinho que é da idade dela, eles estão sempre juntos, a gente mora perto. Tem o meu cunhado, que é marido da minha irmã e ela vê o João chamando o meu cunhado. Então às vezes ela está no telefone e fala “papai” e eu falo: “Não filha, você não tem papai, você tem duas mães” e ela fala: “Ah é mamãe vivi e mamãe ale”. Então pra ela já é super natural, não questiona. Uma hora ela vai querer saber.

Alexandra: A escola vai ser o divisor de águas que é o momento que a gente está se preparando. Mas eu acho que assim, da mesma forma que a gente age com essa naturalidade, o importante é nesse momento de transição passar essa naturalidade.

Denise: Acho que as crianças de hoje estão bem diferentes, ela convive com bastante crianças grandes, tem os meus primos, filhos dos meus primos que hoje tem 9, 10, 11 anos, e pra eles é super natural, nunca perguntaram nada, nunca falaram nada.

Alexandra: A gente estava no avião um dia desses e uma menina falou assim: “mas ela não tem pai?” eu disse “não, ela tem duas mães você viu que bacana?”. Então a gente inverte, como uma coisa positiva e não aquela coisa da vítima.

S: Você acha que o fato de não ser uma família tradicional já foi motivo pra que vocês recebessem tratamento diferente?

Denise: Eu nunca tive problema nenhum.

Alexandra: Até o momento não.

Denise: Até porque assim, a gente não se expõe muito, mas isso é nosso. Então a gente não anda de mão dada, mas isso é uma coisa nossa, eu não gosto disso e a gente não sente falta. Então, a nossa intimidade é dentro de casa, mas a gente tá na rua com a Alexandra e a Alice o tempo todo, as pessoas veem e sabem que a gente é casada e tem uma filha, mas a gente não costuma se beijar na rua, então eu acho que isso contribui bastante, mas não porque a gente tem medo ou porque é uma

coisa da gente entendeu? Mas eu nunca tive problema em lugar nenhum, em mercado, bar, nada assim. A gente sempre foi bem tratada.

S: Alexandra você me disse uma vez que as pessoas são mais resistentes ao fato de você ser negra do que gay. Você poderia citar alguma situação que exemplifique isso?

Alexandra: Eu tenho várias histórias. Eu estava uma vez com a Alice trocando o óleo do carro, e ela o tempo todo brincando. Quando uma mulher virou e disse assim: “Você cuida dela?” e eu disse: “Cuido, ela é minha filha.”. A mulher ficou toda desconcertada, ela começou a falar de um outro assunto e deu um jeito de pegar o meu e-mail, aí eu passei o meu e-mail pra ela. Deu dez minutos, quando eu cheguei e casa que eu abri o e-mail tinha lá a mensagem dela pedindo mil desculpas pelo que ela tinha feito, que eu não a levasse em consideração. E foi a primeira vez que isso aconteceu, de eu receber um retorno. Porque uma coisa é você ficar constrangida, outra coisa é você tomar uma atitude, essa mulher tomou uma atitude, ela deu um jeito de pegar meu e-mail e me pediu desculpas por ter tido um preconceito. E “n”¹⁶ outras situações eu já passei, de estar esperando a Denise e a mulher não acreditar que ela¹⁷ tinha duas mães, e que ela tinha uma mãe que era negra. A situação do racismo é muito mais recorrente, de estarmos eu e a Alice sozinha e a pessoa não acreditar que a Alice é minha filha, porque ela é branca, como se não existissem de uniões normais à questão de pais negros com filhos brancos ou o contrário. Então é mais racismo, em relação a nossa relação não, até hoje graças a Deus não.

S: Alguma de vocês já foi casada anteriormente?

Denise e Alexandra: Não.

S: Alexandra você me contou do por que da fertilização e agora eu gostaria de saber como vocês decidiram qual das duas passaria pelo processo.

Alexandra: Eu nunca quis engravidar, eu sempre quis ter um filho, uma família.

¹⁶ “n” refere-se a diversas situações.

¹⁷ “ela” neste caso é Alice (filha do casal).

Denise: Eu sempre quis ser mãe né, passar pelo processo de gestação e *tal*, se não fosse gestação, fosse adoção, seria indiferente, mas a gente quis fazer a inseminação e aí ficou assim, dela não querer e eu ter essa vontade.

Alexandra: Sempre partiu da Denise e agente entrou num comum acordo.

S: Gostaria de saber como foi esse período do tratamento para cada uma. Foi o que imaginavam? Tranquilo, doloroso?

Denise: A gente fez a FIV, que é a Fertilização in Vitro duas vezes. A primeira vez não deu certo, mas eu fiz todo processo, a gente pagou, eu fiz todo processo de indução e de estimulação, tive que tomar as injeções, eu fiz tudo certinho. É dolorido, você tem que ficar tomando injeções na barriga, algumas vezes a Alexandra aplicava. Então você fica com a barriga roxa porque pega vaso, é bem complicado. Na primeira vez eu ovulei muito por causa das medicações, eu acabei doando pra um banco, acho que tinha uma pessoa esperando, aí eu fiz a doação. Não sei quem ela é e ela não sabe quem eu sou, é totalmente sigiloso, a gente não tem vínculo nenhum.

Alexandra: Como a gente estava recorrendo ao banco de sêmen, a gente pensou da mesma forma. Existem casais que a mulher não tem ovulação. Então houve esse gesto pra gente que a gente vai necessitar, então por que não doar?

Denise: Eu fiz à primeira, a gente ficou toda numa expectativa depois do processo, se ia dar certo ou se não ia. Eu não subia não descia escada, a gente meio que ficou numa neurose porque se eu não me engano depois que você faz a FIV são 10, 15 dias pra você fazer o Beta HCG¹⁸ pra saber se deu positivo ou negativo. Então a gente estava numa neurose na primeira FIV que eu não fazia nada, não me movimentava, ficava o mais tranquila possível e com medo de que não desse certo. E acabou que no meu período de menstruação eu acabei menstruando e não deu certo. Foi frustrante eu chorei muito, acho que foi em 2013. Foi muito horrível, a agente chorou muito, ficou muito triste enfim. Eu falei: “espera um mês, dois meses pelo menos pra eu fazer o meu ciclo, esperar um pouco porque é muito estímulo”. Aí a gente esperou um mês e no próximo a gente fez. Aí todo processo, toda

¹⁸ Beta hCG ou BhCG é a sigla usada para um hormônio chamado **gonadotrofina coriônica humana**, cuja dosagem sanguínea é amplamente utilizada como teste de gravidez. Disponível em: <<http://www.mdsaude.com/2013/10/beta-hcg.html>>

estimulação, todas as injeções. Só que dessa vez quando a gente foi fazer a transferência dos embriões eu falei pra Alexandra: “Quando a gente sair daqui eu não quero mais falar sobre isso, a gente vai seguir a vida normalmente, eu não vou me privar de fazer absolutamente nada e eu quero esquecer isso”. No entanto que a gente saiu de lá pra almoçar, tentei esquecer pra não ficar abitolada e ficar pensando.

Alexandra: Pra mim o processo é doloroso porque você não quer ver uma pessoa tomando uma agulhada e você acompanhando. Eu ia a todas as consultas, tinha que ir dia sim dia não fazer ultrassom, antes pra ver a evolução da ovulação. O período mais marcante mais sofrido foi realmente na primeira tentativa, quando não deu certo. Que a sensação que você tem, me lembra muito aquela música do Chico que é “um pedaço ou uma metade arrancada de mim?” “que é arrumar o quarto do filho que não nasceu”. Pra mim era muito isso de ter perdido um filho que nem existiu, mas a expectativa era tão grande. E a gente tinha o irmão da Denise que a esposa dele tinha feito a inseminação com o mesmo médico, e na primeira tentativa ela conseguiu engravidar de gêmeos. Um casal, um menino e uma menina. Então já tinha uma expectativa né.

Denise: E assim querendo ou não é um tratamento caro né, e aí a gente fica “será que a gente vai conseguir de novo?”. E eu ouvia muito de amigos que já estavam na sétima tentativa, na oitava tentativa. Então assim, a gente começa a pensar se é um sonho que vai realmente se realizar. Não é barato, não é dinheiro que se tem todo mês pra fazer. É um investimento alto, mas graças a Deus na segunda vez ela veio.

Alexandra: E tanto que assim, depois da segunda tentativa a gente já pensava realmente em adoção e a adoção nunca tinha sido descartada também, era uma hipótese. Mas só que assim, depois que você gera e você começa a criar, as pessoas sempre perguntam, a pediatra pergunta o tempo todo: “Mas vocês não vão ter outro?”. Financeiramente você para e pensar não. Eu acho que eu quero dar o melhor pra Alice, tudo que eu puder dar de melhor acho que tem que canalizar pra ela e ela tem um primo muito próximo, tudo bem que não é irmão, mas é muito próximo. Frente a minha família que é mais desunida, que eu não tenho contato com meus irmão, na família da Denise, da grande massa que esta aqui, todo mundo tem

contato o tempo todo. Então acho que nesse sentido não acho que ela vai sentir tanta falta de um irmão.

Denise: É tão difícil financeiramente, como psicologicamente, como mentalmente e como fisicamente. É difícil, mas a gente tem que pensar no resultado final.

Alexandra: Pra quem gera é muito difícil, a Denise até usava o exemplo das vacas “Por que a taxa de inseminação nas vacas é de 99,9% de chances de dar certo?”. Porque elas não pensam, elas não racionalizam essa é a diferença.

S: Vocês se lembram de como foi o positivo? Estavam juntas?

Denise: Eu fiz o exame depois de 15 dias, eu estava trabalhando até, lembro como se fosse hoje. Estava no meu horário de almoço, eu estava almoçando com uma secretária da empresa quando o médico me ligou. Aí ele me ligou e falou que tinha uma boa notícia, que meu Beta tinha dado muito alto e que ele achava que eram dois, que tinham vindo gêmeos. Eu comecei a chorar, não sabia se era de desespero ou se era de felicidade, porque eram dois né. Foi tudo muito feliz e tranquilo.

Alexandra: Quando a Denise me ligou pra dar a notícia, nossa eu chorava, a mãe dela estava na minha frente, eu estava em casa e ela no trabalho esse dia. Ninguém sabia de nada, a gente não tinha contado pra ninguém. Na primeira a ansiedade era tão grande que a gente contou pros familiares, pros pais, pros irmão. Na segunda a gente não contou pra ninguém. E aí de repente eu começo a berrar, gritar, chorar na frente da mãe dela em casa e aí não tinha mais como esconder. Aí a mãe dela começou a chorar também, daí eu ligo para os meus pais e os meus pais começam a chorar também. Todo mundo chorou de muita emoção. A Alice foi à terceira neta da família da Denise, porque a irmã dela teve os gêmeos primeiro né, e a Alice primeira neta dos meus pais. Tanto que no dia do nascimento os meus pais vieram, eles acompanharam toda gestação, ajudaram a comprar quarto a montar quarto pra ela, e meus pais moram em Natal. A gente fala que o nascimento da Alice não foi um nascimento, foi uma estreia. Ela nasceu no Santa Joana e a sala de parto, foi uma cesárea, e a sala de parto tem um vidro translúcido que quando o bebê vai nascer fica transparente e toda família que ta do outro lado consegue assistir. O médico da gente era louco, o obstetra, então ele deixou aberto o tempo inteiro. Não

viram corte, nada, mas toda parto foi assistido por mais ou menos umas 15 pessoas. E assim é o momento da minha vida, não existe momento igual. A Denise não chorou, quem chorava era eu.

O engraçado é que na hora de ver o parto eles levam os acompanhantes ou os pais para uma sala, que eu vou colocar aquela roupa cirúrgica. Eu contratei gravação, contratei o pacote completo. Eu estava gravando também, com tablet com tudo, e tinha também a equipe de gravação de filmagem do hospital. E aí nesse momento que eu fui colocar a roupa esterilizada e ficar na sala do aguarde. Tinham vários pais e eu aguardando e os pais olhavam pra mim tipo assim: “Ué?”. E aí eu falei: “A minha filha vai nascer”. Eles falaram parabéns e eu falei parabéns pra vocês também. O hospital mudou o protocolo, eles até me levaram numa sala, eles estavam cheios de “dedos”, e eu disse: “não gente, eu sei que é uma situação diferente”. Nos hospitais mais modernos, quando a criança nasce que os familiares estão na recepção, por exemplo, aguardando, aparece na televisão que a criança nasceu, o nome do pai e o nome da mãe, quantos quilos a criança nasceu e a foto da criança. E isso é um template pronto, a maternidade tem um template pronto pra pai e mãe. A maternidade não tinha template para duas mães. Então eles colocaram o nome das duas mães e deixaram pai em branco. Tudo eles adaptaram, o parto dela a música eu escolhi, a gente escolheu. Colocaram a música que a gente queria pra ela nascer.

S: Qual música foi?

Alexandra: Foi uma música do Toquinho

Denise: Foi menininha não cresça mais não.

S: A gestação foi tranquila?

Denise: Eu não tive problema nenhum na gestação, de inchaço, nada. Foi muito tranquila, tive alguns enjoos, mas também não foi tanto. E no final como eu já estava muito pesada, começou a dilatação antes do tempo, então eu tive que me afastar. Mas foi tudo muito tranquila, tralhei, trabalhava, dirigia, não tive problema.

S: Sei que tentaram adiantar o processo para registrar a Alice, mas que inicialmente não deu certo. Como foi esse processo de tentativas e quanto tempo levou?

Alexandra: A gente achava que no momento que já tivesse sido concretizada a gestação, para adiantar e pensando justamente no sistema tributário brasileiro que é muito lento, então a gente pensou em tentar adiantar. E a gente achava que seria mais simples, porque poxa nós somos casadas, então se o casamento civil já tinha sido autorizado e nele esta estabelecido a constituição de família, então por que eu não posso ter o registro? Mas não. Teria que realmente dar entrada no processo, e o advogado falou: “Infelizmente e justiça é muito fria. Ela precisa ter o fato consumado, ou seja, o nascimento da criança para que ela de fato possa existir. Deus o livre, mas você pode ter o caso de natimorto né, a criança podia chegar no final da gestação e a criança não nascer. Então o processo ele é todo inviabilizado, a gente teve que aguardar o nascimento da Alice. A Alice nasceu no dia 23 de maio, a documentação já estava pronta. Ela foi registrada uma semana depois.

Denise: Era só o meu nome e o nome dos meus pais. Depois a gente teve que entrar com um processo para conseguir alterar essa certidão de nascimento que ela tinha.

Alexandra: Mas foi bem rápido, teve o recesso no tribunal então a gente entrou em agosto e aí já teve a marcação da primeira audiência em dezembro. Nessa audiência o ministério publico pediu uma avaliação de um psicólogo, já agendaram, foi uma coisa bem contraditória, eles marcaram a audiência até dezembro, só que o ministério publico só marcou com o psicólogo em janeiro. Eu fiquei bem revoltada com isso, mas enfim, não havia o que ser feito. Eles pediram no processo testemunhas, três testemunhas mais o médico, comprovar que tinha feito à inseminação, foi anexado todos os documentos, tudo, o depoimento do médico, dois amigos que conheciam a gente desde o início do namoro. No dia da audiência a Alice foi com a gente e nós entramos na sala e a Alice ficou numa sala com uma amiga da nossa. A Alice começou a chorar, eu pedi licença e perguntei se eu podia trazê-la pra sala. Aí a Alice ficou comigo o tempo todo, a juíza fez as perguntas, comprovou, ouviu as testemunhas e era tudo muito óbvio. A juíza mesmo falou assim, virou pro ministério publico: “Olha, eu não tenho dúvidas. Da pra se

comprovar visualmente inclusive, que a Alexandra é mãe. Você que é do ministério publico, você ainda quer a avaliação do psicólogo?”. Ela disse: “não vejo nenhuma necessidade”. O veredicto saiu na hora. Uma semana depois eu tinha dado entrada no cartório, o cartório teve que mudar todo procedimento porque nunca tinha feito isso. Aí só demorou um pouco mais porque eles tiveram que refazer todo sistema deles para refazer a certidão da Alice, que saiu dali 15 dias. Em janeiro que seria a data para ter a segunda audiência com o psicólogo eu já estava com registro dela em mãos.

ANEXO D – Eduardo de Souza e Junior Brito.

Data: 17/09/2016

Entrevistados:

Eduardo, 24, agente administrativo.

Junior, 29, supervisor comercial.

Ambos da cidade de São Paulo e casados desde novembro de 2015.

Perguntas:

S: Há quanto tempo vocês se conhecem e há quanto tempo estão juntos?

Junior: A gente se conhece há três anos, e nós estamos juntos há três anos, foi muito rápido.

S: O período que vocês se conhecem é o tempo que vocês estão juntos.

Junior: Exatamente.

Eduardo: O primeiro dia, a gente se conheceu, ele me deu uma carona no trabalho, a gente trabalhava perto. Nesse dia a gente não ficou, mas a gente conversou, e eu achei que ele não tinha gostado de mim porque a gente nunca tinha se visto pessoalmente. Foi meio que um encontro marcado pela internet, mas ele já era da família da minha cunhada, então eu já conhecia mais ou menos de onde ele era, era uma coisa mais segura, não era de internet às cegas. Na época tinha WhatsApp, eu não tinha WhatsApp porque eu tinha uma *celularzinho* bem *ralézinho* porque tinham roubado o meu. Então a gente conversava por mensagem, muito por mensagem e

pelo Facebook, e eu só via fotos dele. Aí ele foi me buscar um dia no trabalho, ele foi me dar uma carona e eu fiquei travadão porque eu achei ele bem bonitão, e eu tenho até hoje a autoestima muito baixa. Aí eu falei: “Que cara bonito, mais velho”. Eu falei ele não gostou. Eu fiquei duro no carro até onde ele ia me levar que ele me deixou na minha mãe. Eu desci do carro e quando eu desci do carro ele mandou uma mensagem falando: “Eu achei que ia rolar um beijinho, um selinho, uma coisa assim”. E eu: “Putz! Eu queria muito que tivesse *rolado*, mas eu achei que ele não tinha gostado de mim”. E aí eu joguei a real, eu achei que você não gostou. E aí no segundo dia a gente deu um beijo só e foi aí que ficou em seguida na mesma semana.

S: Mas então inicialmente vocês se conheceram pela rede social? Ou por indicação?

Junior: Não. Eu namorei cinco anos e meio uma pessoa, e aí eu terminei esse namoro, foi meio complicado o término e aí a minha prima, eu comecei a sair né. Porque eu namorava, não saia, e comecei a sair. E a minha prima é casada com o irmão dele, com irmão do Eduardo e ela falou: “Ah meu cunhado esta solteiro também”. E eu não tinha ficado com ninguém sério né, só estava indo pra balada. Aí eu falei: “Ta passa o Facebook dele, passa o celular dele e a gente começa a conversar”. E aí a gente começou foi falando assim. Ela apresentou, só passou o telefone dele, aí eu fui mandando mensagem e a gente foi se falando.

Eduardo: Foi por internet e por indicação.

S: A internet foi à ferramenta né.

Junior: Foi só ferramenta.

Eduardo: Porque a gente já ia se conhecer, na verdade ela já tinha até marcado umas duas ou três vezes pra gente se encontrar. Mas uma vez eu não fui e ele foi. E quando eu ia ele não ia. Aí a última vez que a gente ia se ver certeza, era no aniversário da filha do meu irmão, que é filha da prima dele. Então ele ia, porque a família dele toda foi. E aí ele foi até a porta e chegou la ligaram pra ele, aconteceu alguma coisa que ele não pôde ficar.

Junior: A minha melhor amiga me ligou me pedindo pra dar uma carona pra ela, que ela ia levar, não sei, não lembro direito.

S: Então foram várias tentativas.

Junior: Foi.

Eduardo: É! Eu estava lá na festa esperando, porque ela tinha comentado que ele ia, e eu ansioso, fui todo arrumado esperando. Aí ele chegou na porta deixou a família dele e saiu.

Junior: Fui embora e depois voltei só pra buscar. Aí a gente não se viu.

Eduardo: Pela terceira vez. Aí depois foi meio que obrigatório ele me buscar.

Junior: Aí a gente marcou, eu falei: “Eu saio do trabalho às cinco horas”. Ele falou: “Ah eu também saio esse horário”. Então eu falei passo aí e te pego e a gente conversa e ele falou ta bom.

Eduardo: No mesmo final de semana que a gente deu o primeiro beijo ele ia viajar pra praia.

Junior: No outro.

Eduardo: Dias que a gente tinha se visto um dia ou outro ele ia viajar pra praia. Aí ele me chamou. A gente nem se conhecia ainda né, nem ficava direito.

Junior: Na verdade eu comentei, falei vou para praia com a minha amiga. E ele: “Ta bom”.

Eduardo: Eu meio que induzi ele a me chamar. Ele falou: “Ah se você quiser ir”. Eu falei: “Ta vou ver”. Mas já estava todo empolgado. Mas era muito recente porque a gente nem ficava todos os dias.

Junior: E eu estava completamente *desencanado* porque eu tinha acabado de sair de um relacionamento, eu não queria namorar.

Eduardo: Aí eu fui pra essa viagem e aí lá a gente já voltou namorando. No último dia de viagem acho que a gente conversou, começou a namorar e foi assim. Foi muito rápido e eu também tinha acabado de sair de um relacionamento, o meu foi

mais recente que o dele. Ele já estava uns meses solteiro, eu tinha um mês eu acho que estava solteiro e foi logo quando conheci ele.

S: Então nenhum dos dois estava buscando ter um relacionamento?

Eduardo e Junior: Não não.

S: O lugar onde vocês se conheceram foi onde você foi buscar ele, no trabalho. Onde que é?

Eduardo: Santo Amaro, eu trabalhava em Santo Amaro e ele também. Ele passava por lá, ele me pegou na porta do trabalho.

S: Como foi a reação das famílias quando assumiram o relacionamento?

Junior: Complicado. Eu namorei cinco anos e meio uma pessoa e aí a minha família não aceita muito bem. Na verdade o meu pai não aceita muito bem o fato de eu ser gay. Somos em quatro, eu tenho três irmãos e eu sou o caçula, então todas as expectativas né do homem ficaram em cima de mim. E aí ele descobriu pouco tempo antes de eu terminar o meu namoro. Minha mãe que contou pra ele não foi nem eu que contei. Ele ficou muito abalado né, enfim. Mas nunca me destratou, nunca me falou nada sobre o assunto, ele fingiu, até hoje ele finge que não aconteceu nada. Daí eu terminei esse namoro e conheci o Eduardo e foi meio difícil, no começo ele aceitou o Eduardo frequentava a minha casa e ele achava que o Eduardo fosse meu amigo enfim, depois que ele descobriu que realmente era um relacionamento ele começou a se fechar cada vez mais. A família do Eduardo não tem problema nenhum comigo, mas no meu caso é bem complicado o relacionamento dele com a minha família.

S: Mas no caso é mais o seu pai.

Junior: Mas acaba induzindo as outras pessoas, por exemplo, a minha mãe é um pouco mais submissa porque ela tem uma criação antiga. Eles são casados a mais de 40 anos.

S: Então a opinião dele acaba influenciando um pouco.

Junior: Exatamente. E aí é complicado né, ela vem quando ele não tá, então o Eduardo ia lá em casa quando ele não estava. Então só desse jeito contato,

principalmente agora que a gente casou o contato é bem mais complicado. Eu tenho pouco contato com a minha família, mas é por falta de tempo não é nem porque eu não vou até lá.

S: Então o seu pai descobriu quando você terminou o relacionamento.

Junior: Ele descobriu no final porque meu ex-namorado era louco, e aí ele ficou muito muito muito atrás de mim, e ligava de madrugada na minha casa, ia lá de madrugada, *tacava* pedra na minha janela e começou a ligar para minha mãe. E aí meu pai começou a desconfiar e aí minha mãe contou né. E aí ele ficou em choque né porque ele não esperava, não sabia. Fingia que não sabia eu acho né.

S: A sua mãe sempre soube.

Junior: A minha mãe sempre soube desde o início e sempre me ajudou, sempre me apoiou. Mas meu pai é bem complicado, meu pai é muito cabeça fechada, pra ele as coisas são do jeito dele e ponto final.

S: Você já chegou a sentar e conversar com ele?

Junior: Ele tem medo de mim (risos). Ele não pergunta, eu sou bem transparente, tudo que ele me pergunta, eu falo, sem medo de falar, eu sou a única pessoa da família que eu acho que não tem medo do meu pai. E aí ele não me pergunta nada sobre o assunto porque ele tem medo da minha resposta eu acho.

Eduardo: Pra mim foi muito tranquilo porque a minha família sempre foi muito aberta, eles são muito cabeça aberta, o meu pai e a minha mãe. A minha mãe é louca *peruona*, sempre trabalhou com beleza, ela é massoterapeuta, esteticista, cabeleireira, manicure é tudo. Então ela trabalhou por muito tempo em salão quando nós éramos pequenos, ela trabalhava em casa de família de faxineira e já fazia unha. Aí foi passando o tempo à gente foi crescendo e ela começou a fazer curso de massagem, fez curso de cabelo, manicure, tudo e começou a trabalhar só em salão. Então ela tinha amigos gays no salão e eu sempre desde novinho já tinha amigas meninas e gostava de ficar com as amigas da minha irmã, gostava de pentear o cabelo delas. Então desde criança eu aparentava ser gay, sempre, nunca fui mais homem e depois foi uma surpresa. Então até hoje eu nunca falei pra eles nunca precisei, eu sempre fui assim. Depois quando eu tinha 15 anos mais ou menos, 14

anos eu fui trabalhar num salão de cabeleireiro do bairro de uma conhecida minha, eu ficava como auxiliar, lavava cabelo escovava, então desde muito novinho eu era cabeleireiro, já cuidava do cabelo da minha irmã da minha mãe das minhas amigas, então eu já era gay. Mas não tinha essa de se assumir, não tinha essa responsabilidade lá em casa. Era livre, meu irmão gostava de tatuagem então ele fazia tatuagem, minha irmã gostava de balada então ela ia pra balada. Sempre foi assim, meus pais foram muito abertos. E aí eu comecei a namorar homem e mulher, eu namorei homem e mulher até uns 17 anos. Nos 18 anos foi quando eu parei, foi quando eu saí de casa e fiz uma tatuagem. Se tem um momento da minha vida que eu me assumi foi esse, porque eu fiz uma tatuagem do cazuza com a frase “viva a diversidade” e coloquei o símbolo do homossexualismo em baixo. Quis mostrar pra todo mundo quem eu era mesmo não tinha vergonha e que eu ia ser a partir dali isso. E foi quando eu comecei a assumir relacionamento postar foto no Facebook essas coisas, mais agressivamente. Eu parei de ficar com mulher decidi que era com homem que eu gostava e que eu queria. E aí contei mesmo para as minhas amigas e ninguém sabia, ninguém nunca tinha falado com ninguém, mas todo mundo sabia. Então foi essa coisa, ah sou gay, mas todo mundo: “Ah entendi”. Já sabia. Mas contei abertamente, comecei assumir relacionamentos, levar namorados em casa. Então com 17 pra 18 anos quando eu ainda estava na casa do meu pai eu levava dos meus namorados lá e ele deixava, eles dormiam lá, meu pai era amigo dos meus namorados. Então acho que ele conheceu dois na casa dele, o primeiro e o segundo. E pra ele era tranquilo como é hoje, então ele gosta de vir na minha casa, a minha mãe é apaixonada pelo Junior, fica em cima dele pra agradar e quer tudo. Ela mima como me mima, então ela vem aqui em casa e quer arrumar a casa, quer comprar as coisas pra gente. Então a minha família graças a Deus eu fui muito abençoado a isso. Eu tenho dificuldade em entender as outras famílias ou quando o problema é próximo a mim, essa coisa de não aceitar, de botar pra fora ou de bater, homofobia dentro de casa. Como eu também tenho dificuldade de entender a história mesmo longe porque eu nunca passei por isso. Então pra mim é difícil entender. Eu graças a Deus nunca tive problema eles são muito tranquilos até hoje.

S: Sempre receberam apoio de amigos e familiares, só no seu caso que um pouco menos do seu pai não é?

Junior: No meu caso mais amigos do que família, porque eu sempre relutei o fato de gostar de homens né e eu nunca tinha ficado com homem acho até os meus 17 anos, namorei com meninas, mas eu já sabia desde o início que não era o que eu queria e daí eu me apaixonei na verdade, pelo meu chefe. Eu tinha 17 anos e me apaixonei por ele, ele tinha 25 anos era gay né, e eu namorava uma menina do trabalho mesmo e aí ele começou a gostar de mim também. Só que tinha aquela coisa, chefe ele era mais velho, eu era menor de idade, a gente não podia ter uma relação. E ele namorava também um rapaz, aí teve um dia que a gente saiu pra um *happy hour* da empresa e acabou ficando nesse dia, eu tinha terminado meu namoro acho que uma semana atrás com essa menina. Aí a gente bebeu e acabou ficando. E aí eu fiquei bem assustado porque eu não sabia se eu tinha gostado ou não, e eu fiquei apaixonado por ele acho que uns dois anos. E o engraçado é que todos os meus amigos que trabalhavam comigo nessa época na empresa, a gente começou a se descobrir junto. Foi uma coisa assim muito engraçada, eu tenho esses amigos até hoje e, por exemplo, a Juliana era noiva e aí ela ficou com uma menina, se apaixonou por essa menina e a gente começou a se descobrir. A gente saía de balada, todo mundo escondido dos pais e ia pra balada gay pra poder ficar com homem e ficar com mulher e no outro dia nada tinha acontecido ninguém podia saber. E aí a gente foi se assumindo um ou outro anos depois, eu acho que eu fui me assumir com 21 anos pra minha mãe. Não era 21, acho que era 22 anos, quando eu comecei a namorar com 21 anos ela começou a perceber. Porque eu comecei a usar aliança, comecei a falar muito com essa pessoa no telefone e sempre era uma pessoa, vou na casa do meu amigo, e esse amigo nunca tinha aparecido e de repente apareceu. Então ela começou a perceber, e a gente foi se assumindo assim. Foi uma fase bem legal da minha vida.

Eduardo: Apoio por ser gay eu tive só quando eu me assumi, mas antes eu era uma pessoa normal, tipo eu era hétero pra eles e eu ter um jeito afeminado, ser amigo só de mulher ou mexer com cabelo, também era normal. Então as minhas amigas me amavam por isso e meus amigos héteros que são amigos até hoje também. Bebiam comigo saíam pra balada comigo, a diferença é que eu não pegava muita mulher, mas como eu namorava mulher eles achavam: “Ah ele só tem o jeito afeminado e é hétero”. Ou outros falavam: “Ele é gay e esta ficando só pra mostrar que é hétero”. Então tinham as duas opiniões, porque mulher normalmente tem a cabeça mais

aberta, então pensavam: “Não, ele não é gay, ele só tem o jeito”. Mas ficavam comigo, pediam, queriam namorar. Homem não, homem é mais machista, então falava: “Ah ele só fica por fachada”. E não era por fachada, eu nunca precisei ficar com mulher pro meu pai ou minha mãe ver, é porque eu gostava mesmo, eu achava a mulher bonita, gostava, eu tinha vontade de ficar tanto em balada quanto na escola, e eu ficava por prazer mesmo, tanto com homem quanto com mulher. Só que com homem era escondido, então homem era internet, ou era tipo menino da escola escondido. Tipo horário da educação física era fora do horário da escola, então ao invés de ir pra educação física a gente ia pra casa do menino. E mulher era aberto. Aí quando foi com 17 pra 18 que eu parei de ficar com mulher foi quando eu falei: “Agora vou me assumir” aí eu tive total apoio.

S: Vocês se casaram em novembro você falou? Que dia de novembro?

Junior: Dia 22.

S: O processo no civil aconteceu normalmente? Tiveram alguma dificuldade?

Eduardo: Foi normal. A gente decidiu casar depois de um acidente que a gente sofreu ano passado, a gente se aproximou muito mais e a gente antecipou na verdade, a gente ia casar em agosto desse ano. A gente tinha planos ainda porque eu queria terminar algumas coisas, ele também, queríamos terminar algumas dívidas que tinham individuais, então não queria casar ano passado. E aí aconteceu o acidente numa viagem que a gente fez.

Junior: Eu fui morar na casa dele.

Eduardo: Para se recuperar.

S: Foi grave?

Junior: Foi bem grave, eu quebrei o braço esquerdo. Como eu estava afastado do trabalho e ele também ficou afastado por um período, aí eu fui morar com ele para que ele cuidasse de mim né, porque a minha mãe nunca teve muito jeito pra essas coisas de cuidar, minha mãe é bem desligada.

Eduardo: E eu não podia ir lá cuidar dele na casa dele por causa do pai. Então ele acabou indo pra minha casa.

Junior: Eu passei uns dias na minha casa depois do acidente, minha mãe cuidou de mim, mas eu queria que ele cuidasse. Então eu acabei indo pra lá, a gente morou junto por um mês fez essa experiência e daí depois decidi, vamos alugar uma casa, vamos realmente comprar os móveis, vamos oficializar vamos casar. E a gente casou, foi tudo muito rápido.

Eduardo: A gente fez uma festa de casamento, uma mini festa de casamento com bolo de casamento, bem casado, mesa decorada, mas foi na nossa casa. Então a gente fez tipo um casamento americano pra apresentar a casa, mas com cara de casamento mesmo. A gente chamou alguns amigos pra apresentar a casa e para oficializar. E a gente casou, antecipou, casou depois que ele melhorou o braço porque ele perdeu cem por cento do movimento do braço, então ele estava totalmente debilitado e aí conforme foi voltando e quando ele ficou bem assim movimentando bem o braço aí a gente falou agora da pra fazer.

S: Vocês sentiram que não tinha porque esperar.

Junior: Na verdade a gente sofreu um acidente muito grave, morreram quinze pessoas. Em setembro do ano passado a gente foi pra Trindade, pra Paraty na verdade e daí quando a gente estava indo pra Trindade no dia 06 de setembro de 2015 o ônibus capotou na estrada. Fez um ano agora, até passou na TV, morreram quinze pessoas nesse acidente de ônibus. Estávamos em dois casais, eu e ele e um casal de amigas, foi bem complicado porque as meninas também se machucaram muito, eu fiquei muito machucado, ele não. Como a gente passou por essa experiência de quase morte, pessoas próximas da gente morreram. Teve um vizinho meu que estava no ônibus com a mãe e eu não tinha visto e a mãe dele faleceu, o melhor amigo dele que também era do meu bairro também faleceu. E aí a gente ficou vendo fotos na internet depois, tipo o casal que estava sentado do meu lado o menino morreu e eu não morri e aí a gente falou: “Pô foi uma chance né que Deus deu então a gente não tem porque ficar esperando acontecer”. Vai que de repente acontece alguma outra coisa né, então vamos fazer, vamos fazer o que a gente quer logo. Não vamos mais adiar as coisas, e a gente se aproximou muito mais depois do acidente.

Eduardo: Tudo juntou assim, o acidente, a nova vida que a gente teve a gente meio que quis aproveitar mais essa vida, tipo a gente estava abusando de algumas

coisas. Tipo a gente saia e estava bebendo muito, dirigia bebendo, eu tinha dado *PT*¹⁹ no carro no mesmo ano, tipo meses antes do acidente. A gente começa a repensar: “*Pô* a gente esta *vacilando* em várias coisas, a gente esta gastando com bebida demais, a gente ta brigando muito”, a gente bebia brigava um com outro dentro de casa. Então a gente estava jogando fora uma vida que tinha ali por várias coisas bobas. A gente conversou e por isso a gente quis casar também. Mas, além disso, teve o caso dele ir morar la em casa, então ele estava muito mal, eu estava cuidando dele, aí eu fui mandando embora do emprego assim que voltei de atestado, então eu falei: “Ah da pra eu cuidar de você”. E aí eu não podia ir na casa dele cuidar, ele também brigou com o pai dele na mesma época. Tudo foi pra gente casar, tudo levou ao casamento. A gente fez tudo meio que às pressas, mas até que deu muito certo. Agora a gente trocou de casa de novo as coisas só foram melhorando, tipo a gente conseguiu construir as coisas juntos e as coisas foram dando muito certo, até quando a gente falou: “Agora não vai dar certo a gente não vai conseguir fazer isso”, a gente conseguia juntos, então a gente viu que era muito melhor os dois juntos.

S: Como vocês decidiram casar antes do que tinham planejado a família não esperava então?

Junior: Não. A minha principalmente, eu comentei com a minha mãe num final de semana, falei: “Mãe eu vou sair de casa porque eu vou morar com o Eduardo”. E aí ela falou que era pra eu fazer o que era melhor pra mim, enfim me apoiou, mas não esperava não acreditava. E aí eu mudei no meio da semana, a gente achou uma casa e tinha que mudar naquela semana, porque ele já morava de aluguel sozinho. E a gente mudou, eu tive que ir em casa para pegar as minhas coisas e aí foi um choque pra ela, ela realmente não esperava, a gente chorou muito junto enfim. Mas ela sempre me apoiou, meu pai trabalha no interior de São Paulo e meu pai não acreditou, e quando meu pai chegou em casa no final de semana ele viu que meu quarto já não tinha mais nada e aí ele se trancou no meu quarto, ficou umas duas horas trancado no meu quarto chorando. Mas também depois disso ele não falou sobre o assunto, meu pai é mais fechado que eu, muito mais fechado que eu. Então a minha família não esperava assim o casamento.

¹⁹ Abreviação para: Perda Total.

S: Pra você foi uma surpresa também?

Eduardo: Também, eles já gostavam do Ju, não tanto quanto hoje porque ele era mais fechado. Quando a gente decidiu casar, como teve o negócio do acidente, todo mundo estava muito sensível a tudo né, então quando eu casei todo mundo achou que tudo era bom. Que tudo que acontecesse pra mim ia ser bom, então eles iam me apoiar. Hoje eles são muito mais apegados ao Junior, porque depois que a gente casou eles ficaram mais próximos ainda, mas eles sempre gostaram dele então foi uma surpresa porque ninguém esperava, mas não foi uma surpresa tipo de assustar, foi uma surpresa de “ah vão casar” eles gostaram muito da ideia.

Junior: Os amigos do Eduardo ajudaram muito, mudança, festa, fizeram um chá de panela, chá de cozinha, chá de não sei o que. Porque tudo pra eles é festa né e aí eu fui entrando assim. No começo do namoro, nos primeiros seis meses que a gente namorou ninguém gostava de mim.

Eduardo: Não conheciam na verdade. Tipo ele ia na minha rua de carro com os vidros fechados eu entrava pra dentro do carro e a gente saía, ou ele entrava pra dentro de casa e trancava a porta. Então ele nunca ia às festas.

Junior: Eu tirava ele da casa dele a gente ia viajar, eu tirava ele da casa dele a gente ia pra balada, e ele começou a parar de sair com essas pessoas e só ficava comigo. Então as pessoas me odiavam. Mas depois que eu terminei com ele pra voltar com meu ex tinha até medo de passar la próximo. Mas aí depois que a gente voltou eu não lembro como é que foi.

Eduardo: Ele voltou diferente, então, eu era muito bobão, eu era menino eu era bem novinho, minha cabeça era mais nova né quando a gente começou a namorar. Então era tipo assim, foi o primeiro cara mais velho que eu namorei, então ele tinha uma vida diferente da minha, então eu fiquei deslumbrado eu queria ficar com ele pro resto da vida, aquela coisa de paixão assim. E eu não queria mais saber de ninguém, me afastei de todos os meus amigos, fiz tudo só pra ficar com ele. Então tudo que ele falava eu aceitava, tudo pra onde ele queria ir eu ia, eu deixava de ir nos lugares pra ir onde ele queria, nas festas dos meus amigos que eu sempre fui muito participativo ele falava: “Ah não to afim”, então eu falava: “Ah então não vou”. Quando a gente voltou foi diferente porque eu estava com outra cabeça, já estava

mais maduro aí eu conversei muito com ele e ele viu que eu estava diferente, então tipo eu já não aceitava mais tantas coisas, eu tinha mais opinião. Então ele começou a ir nas festas das minhas amigas, ele começou a ir nas festas dos filhos das minhas amigas e tudo que eu ia fazer do meu lado ele ia, então eles começaram a conhecer e viu que Junior não era o que eles pintavam, não eram tão chato ele era legal era engraçado, então eles não conheciam e hoje os meus melhores amigos são os melhores amigos dele.

S: Vocês acham que o fato de não ser uma família tradicional já foi motivo para que vocês recebessem tratamento diferente?

Junior: A gente estava procurando a casa né, antes de achar essa daqui, graças a Deus que a gente não alugou aquela casa. E aí tinha uma placa assim: “Aluga-se e pedir informações ao comércio ao lado”, aí eu fui, aí cheguei lá e um cara super bruto, um senhor. E eu falei: “Oi eu queria ver a casa” e ele falou: “Ah é pra você?” eu falei: “É”. Aí ele falou: “A gente só aluga para casal” e ele perguntou pra mim quantas pessoas eram aí eu falei: “Duas”, ele falou: “Um casal?” eu: “Sim um casal são dois homens” e aí ele falou que não ia alugar que só ia alugar se fosse para um casal, mas eu falei: “Mas nós somos um casal”. E ele: “Ah eu tenho que falar com o dono da casa”, eu falei: “Me passa o telefone do dono da casa que eu resolvo com o dono da casa já que você não é o dono da casa”. E ele não quis me passar o telefone, ele falou que não ia passar o telefone e aí eu fui bem grosso com ele né, acho que ele até ficou com medo, falei um palavrão enorme pra ele xinguei ele lá dentro aí ele nem me respondeu. Aí eu saí entrei no carro e fui embora. Foi a única vez acho que a gente passou um problema.

Eduardo: É que a gente não teve muitas situações a compartilhar com outros, tipo serviços, a gente teve nossa lua de mel que a gente foi como um casal acho que a única viagem que nós fomos como um casal casado e não teve nada no hotel, acho que hoje em dia as pessoas aceitam muito bem né, não sei.

S: Então foi só essa situação que você sentiu que era especificamente por serem dois homens.

Junior: Foi especificamente, ele falou: “É um casal?”, eu falei: “Sim somos dois rapazes” e ele falou que não ia alugar porque eram dois homens.

Eduardo: Nós sempre fomos muito reservados quando era namorado, então nem como namorado a gente passou por situações assim porque a gente não anda de mão dada, a gente não dá beijo na rua, e a gente tenta ser mais discreto. Não que a gente seja travado pra não sofrer preconceito, pelo contrário a gente é bem *barraqueiro* e a gente não tem medo de briga, tanto eu quanto ele, eu sou mais *barraqueiro*, ele é mais *briguento* mesmo, então ele é bravo muito nervoso. E eu sou de barraco mesmo, eu acho que um dia se eu sentisse que estavam de preconceito com a gente ou tratando a gente de uma forma diferente eu ia escandalizar no lugar. Então, mas a gente sempre evitou porque a gente não gosta muito. Na minha opinião, na dele também, nós temos a mesma opinião de não esfregar na cara de ninguém e tem perfis de casais namorados gays ou casados que gostam né “ah meu esposo, meu marido não sei o que”, eu por exemplo, não falo “ah meu marido” no trabalho porque todo mundo sabe que eu sou gay que eu sou casado e sabem do Junior, mas a gente evita certas situações que talvez traria o preconceito, então tipo dependendo da pessoa, se tem um pessoa religiosa, alguém de uma igreja alguma coisa a gente não vai querer ficar esfregando na cara entendeu?

Junior: A gente até brinca na verdade, se a gente tá num lugar público e passa um casal, e normalmente acho que são esses casais que passam na rua de mão dada ficam beijando são mais novos né, e a gente até brinca de ter preconceito com os casais.

Eduardo: A gente tem preconceito com os gays. Mas é brincadeira, a gente tem vergonha na verdade, eu teria vergonha deles, mas não que eu ache eles errados, eu nem me incomodo, mas é que eu teria vergonha de andar de mão dada, mas não por eu ser gay, mas é que eu tenho vergonha mesmo, não gosto não. Eu não gostaria que a minha avó estivesse no shopping, que é uma pessoa super reservada, mas é cabeça aberta ela adora o Junior, conheceu todos meus ex-namorados, e eu podia ir na casa dela normal, minha família inteira, mas eu não ia gostar que a minha vó tivesse sentada no shopping, tipo na praça de alimentação e tivesse um casal de homens se beijando do lado dela entendeu?

Junior: Eu acho que isso é um preconceito. Eu não tenho esse problema.

Eduardo: Eu tenho. Já pensou se fosse seu pai que é todo travado?

Junior: Então, mas eu não tenho problema nenhum em deixar meu pai ver essas coisas. Eu não faria na frente dele por respeito. Eu não tenho problema nenhum em ver, se eu sair com a minha mãe e tiver um casal de pessoas se beijando do lado eu não me importo. É que eu não faço porque eu não gosto de me expor.

S: O que vocês acham que faz com que as pessoas resistam, porque há algumas pessoas que resistem muito ao formato de uma família com gays. O que vocês acham que faz com que as pessoas resistam tanto à ideia?

Eduardo: Eu acho que o que mais faz as pessoas resistirem é a cultura mesmo, acho que é a tradição, eu entendo muito bem eu tenho uma cabeça aberta, eu acho que o gay tem que ter uma cabeça muito aberta mais que os héteros ou que qualquer outra pessoa. Então eu me sinto exigido a ter uma cabeça aberta, eu sempre tive pensando assim “ah se é uma pessoa da igreja ou o pai do Junior, por exemplo, ele é um senhor da idade e ele teve uma criação rígida naquela época, coisa de igreja”, ele cresceu na igreja onde ele faz parte da igreja, então e de repente aceitar. Então eu entendo essa cabeça, entendo a resistência de algumas pessoas, entendo a pessoa não aceitar, só não entendo e não aceito a falta de respeito, mas quando a pessoa pensa tipo “ah não é uma família”, ou “ah não sei se isso é uma família”, ou “eu não acho que deve adotar”, certas opiniões, algumas eu acho que extrapolam. A pessoa tem que acordar pra vida e ver que não é bem assim hoje. Mas tem algumas opiniões que eu entendo e eu acho que a gente tem que respeitar. Então o que eu acho que é difícil é a tradição, de onde a pessoa veio, como ela foi criada e não acho que é obrigação de todo mundo de todo mundo de “ah tem que entender que não é mais a época dela” ou tem que entender que hoje é século XXI e tem que aceitar mesmo. Eu não acho que é bem por ai porque você tratar ignorância com ignorância você esta sendo igual né. Eu não estudo muito essas coisas que passam na televisão né, nunca fui em parada gay, mas eu vi uma reportagem de parada gay que tinha, não sei nem se foi em parada gay, mas eu vi um negócio lá de homofobia, tinham umas lésbicas com crucifixo enfiando, fazendo alguma coisa um símbolo, não sei enfim, coisas assim tipo contra igreja evangélica que é contra os homossexuais. Então eu entendo que tem pessoas de igreja evangélica que são muito radicais e isso influencia pessoas ignorantes e acaba trazendo homofobia, ou crime ou quando uma pessoa tipo agride outra por ser gay. Mas eu também entendo o lado de algumas pessoas que são mais tradicionais, que

vieram de uma educação mais rígida e cresceram com outra cabeça, foram educadas assim e não é de uma hora pra outra que ela simplesmente vai falar assim “ai parabéns por você ser gay, isso é lindo”, entendeu?

Junior: Eu não sei te responder essa pergunta, eu acho que as pessoas que não aceitam mesmo são, foi aquilo que ele falou, a religião né porque a Bíblia diz que né que se você deitar com outro homem você ta cometendo pecado, enfim. E o gay, eu acho que o gay ele não é aceito pelo próprio gay mesmo assim, por culpa do próprio gay vamos se dizer assim, porque hoje as pessoas generalizam muito coisa. Eu tenho uns amigos que falam pra mim, hétero: “Você é gay, mas você é legal”, sabe, então eu não consigo entender “você é gay, mas você é legal, você é gay, mas você é diferente”.

Eduardo: “Você é um gay *da hora*”.

Junior: Existe muita promiscuidade no mundo né, e o gay é sempre muito mais escrachado do que o hétero, vamos se dizer assim, e as pessoas acham que todo gay é igual, que todo gay vai chegar e vai dar em cima de qualquer homem, que todo gay vai entrar dentro da casa de alguém e vai querer pegar o marido da mulher, enfim. E por culpa dessa promiscuidade de ter essa forma escrachada as pessoas acabam generalizando. Porque existe promiscuidade no relacionamento hétero, de qualquer lugar né, mas o gay é sempre mais visto porque é mais escrachado né, quer mostrar enfim. Acho que essa resistência parte daí mesmo, acho que a cultura hoje, a cultura gay ela devia mudar muita coisa. Eu sou gay e eu não concordo com muita coisa que os gays fazem entendeu? Então eu acho que se isso mudasse nós seríamos mais aceitos.

Eduardo: Na maioria dos gays tem a cultura, na minha opinião, a cultura de radicalismo e eu acho que levantar bandeira, eu não teria problema nenhum em por uma bandeira gay no meu portão ou por uma bandeira gay no meu carro se eu achasse que isso e realmente adiantar ou influenciar em alguma coisa pra mudança, eu seria uma das pessoas que faria isso, não ia me esconder atrás do armário enquanto a guerra la fora estivesse acontecendo, mas eu não vou pra essa guerra porque eu acho que eles vão pelo pior caminho que é o caminho da ignorância o caminho de falar: “Ah evangélico de merda”, ou tipo xingar os evangélicos ou ir contra os evangélicos. E não é assim, então como que a gente ta querendo

igualdade lutando pelos nossos direitos se a gente não respeita o direito deles entendeu? A gente não respeita o direito da família tradicional brasileira que eles falam, então deixa eles serem realmente tradicional, porque a gente tem que encarar que não é família tradicional. Eu me considero uma família, eu o *Ju* e a *Mel*²⁰ e se nós adotarmos uma criança ou se a gente fizer algum outro processo para adoção ou de ter uma criança a gente vai se considerar uma família, mas família tradicional brasileira, se tem que ter esse nome esse rótulo, nós podemos não ser, mas nós vamos ser uma família. Então porque que tem que levantar bandeira e colocar a faca no pescoço de cada um e falar: “Você tem que me aceitar por eu ser gay”. E eles com a faca do outro lado falando que você vai morrer por ser gay. Então eu não acho lógico, não acho também que a gente tenha que abaixa a cabeça para os homofóbicos ou pra quem ta lutando contra isso. Eu acho que se é pra levantar uma bandeira pra lutar e ir pra rua, então que seja de uma forma inteligente. Não é o que eu vejo, eu vejo gays inteligentes, opiniões inteligentes, já li muito sobre ativistas inteligentes, mas acho que não é muito bem o ativismo que a gente precisa não é muito bem essa agressividade de opinião que a gente precisa ter, da dimensão que a gente tem da parada gay, por exemplo, que é o orgulho LGBT. Então tem pessoas que vão com ideias bacanas ou que levam ideias bacanas, não só pra parada gay, mas pra outros projetos, mas tem pessoas que vão pelo um caminho totalmente errado.

Junior: Pra bater de frente, pra *putaria* mesmo, parada gay desculpa, mas parada gay é uma *putaria* e legalizada né, vamos se dizer assim, porque o pessoal vai pra rua nesse dia e acha que pode fazer tudo e não é assim que funciona, então eu não concordo com muita coisa. Eu acho que o problema de ser aceito é culpa das próprias pessoas. Se eu não sou aceito em um lugar é porque eu fiz alguma coisa ou eu tive alguma atitude, ninguém é obrigado a me receber ninguém é obrigado a gostar de mim. E pra que eu seja aceito em algum lugar eu tenho que seguir regra, todo mundo tem que seguir regras né e é isso que eu penso.

S: Vocês pretendem aumentar a família de vocês? Pensam em filhos?

Junior: Eu penso, até porque eu já estou com quase 30 anos né, então eu queria realmente ter, eu penso sei lá, em 32, 33 anos eu estar com uma criança. Eu nunca

²⁰ Mel: Nome do animal de estimação (cão) do casal.

fui muito fã de criança na verdade, mas eu acho que eu seria, seria uma, sei lá, uma coisa completamente nova e eu tenho vontade de ser pai sim e eu tenho vontade de adotar uma criança.

Eduardo: Eu tenho também, eu gosto muito de criança, sempre gostei muito, criança e cachorro sempre foi minhas maiores paixões assim. Mas eu não penso em ter tão próximo assim e a gente não fala sobre isso, a gente já conversou algumas vezes, mas a gente nunca estudou e foi atrás. Então a gente nunca pesquisou e viu como é como ia ser o processo pra realmente para daqui a dois anos ou três anos ter um filho, mas eu já ouvi de longe algumas coisas os processos que tem, tanto em adoção em juiz, quanto também tem uma diferença entre adoção e guarda, e também tem aquela, o processo de inseminação que você tem a barriga de aluguel que aí é muita grana. Tipo eu não sei agora o valor, mas pesquisei na internet, inclusive tem um ex-namorado meu que vai fazer agora, acho que já estão fazendo já até começaram o processo pra isso, já até pesquisou tem uma empresa que faz isso, não é aqui no Brasil, mas a empresa que vai fazer o contato com a barriga de aluguel e tal e passa o dinheiro pra ela mais ou menos assim. Eles já até estão fazendo isso, então pra nós não seria dessa forma ou não seria agora, a gente tem outros planos de terminar faculdade, de enfim, mas para se estruturar melhor, mas para mim seria muito bom. Eu queria se fosse para escolher, que fosse inseminação, que tivesse realmente o meu sangue, que tivesse realmente a minha influência sabe assim, em genética. Mas se fosse alguma coisa mais distante eu adotaria sem problemas, mas não agora, eu acho que daqui alguns anos, pelo menos uns cinco anos.

S: Você pensa em adoção também né Junior?

Junior: Eu penso em adoção, não sei se a barriga de aluguel ou a inseminação seria uma coisa, é uma coisa muito complicada né, você fazer uma inseminação ou ter uma barriga de aluguel porque você tem o vínculo com essa outra pessoa pra sempre pro resto da sua vida. E eu penso em adoção, tem tanta criança abandonada né, tem tanta criança que não tem família que tá precisando de lar. Eu penso em adotar assim, não agora porque eu penso muito na minha situação assim, eu penso na minha carreira, mas eu quero ser pai sim e daqui a alguns anos eu vou adotar uma criança.

S: A Mel que faz parte da família de vocês - quando ela chegou?

Eduardo: Ela chegou a mais de um ano, ela fez 2 anos faz pouco tempo e ela veio pra gente com quase 1 ano. E ela esta com a gente faz um ano e pouquinho.

Junior: Eu dei a Mel pra ele de presente de aniversário na verdade, no aniversário do ano passado e ela ta com a gente até hoje.

Eduardo: Ela veio um bebêzinho, grande já tinha quase 1 ano, e ela era magrinha não era gorda assim, ela não tinha pelo porque ela tinha feito um tratamento, ela estava com uma alergia então fez um tratamento no pelo e o pelo caiu inteiro então ela só tinha cabeça e o corpo estava *tosadinho*. A gente trouxe ela la da zona lesta, muito longe, então a gente adotou, eu não gosto da ideia de comprar cachorro nunca gostei, sempre tive cachorro vira-latas de rua e já tive de raça, mas de rua também. Então eu queria um cachorro específico e queria muito porque eu tinha perdido o meu e fiquei muito mal por um período, não queria nenhum outro, ele ficou me oferecendo perguntando se eu queria, eu não queria nem saber de outro cachorro e aí o tempo foi passando e ele falou em outro cachorro, fiquei pensando e aí ele decidiu. Conseguiu a Mel, uma moça não tinha mais condição de criar porque é muito caro e aí ele faliu comigo e eu fiquei muito empolgado, acho que ele falou tipo dias antes porque ele sabia que eu ia ficar doido, aí eu fiquei infernizando até a gente buscar.

Junior: Eu falei um dia antes à noite, falei olha, mandei a foto aí ele falou: “Ai que linda”. Falei: “Então a gente vai pegar ela amanhã às 07h00 amanhã”, e isso era tipo 21h00 da noite e daí no outro dia a gente foi buscar a Mel e a Mel ficou morando com ele.

S: Como é a rotina de vocês?

Eduardo: Agitada porque a gente trabalha o dia inteiro, e final de semana a gente sempre procura algo pra fazer a gente nunca fica em casa. Mas a gente sai no mesmo horário, a gente sai junto e volta junto, então a gente usa um carro só, os horários bateram pra gente economizar. Então a gente sai daqui umas 07h30 da manhã, eu deixo ele na estação vou pro trabalho porque eu trabalho mais perto, ele trabalha no centro e eu trabalho aqui em Santo Amaro na Avenida Santo Amaro – Chácara Santo Antônio. E quando eu volto, eu saio as 19h00 ele sai as 17h00, só

que ele faz academia, então o tempo dele sair da academia é o tempo de eu chegar na estação pra pegar ele de novo. E a gente vai pra casa, a gente sempre passa em algum lugar, mercado, casa de alguém, a gente sempre faz alguma coisa na rua antes e sempre chega aqui entre 21h00 e 21h30 toma banho e dorme. Então na semana a gente não faz nada.

Junior: Final de semana a gente quer fazer alguma coisa, hoje em dia que a gente ta morando nessa casa a gente prefere fazer alguma coisa em casa mesmo, um churrasco um almoço, final de semana nossa rotina é mais tranquila. A gente sai pra jantar, por exemplo, mas durante a semana foi o que você falou a rotina corrida de trabalho mesmo.

S: Eu queria que vocês me falassem sobre sonhos, tanto conjunto quanto individual.

Eduardo: A gente tem o sonho de comprar essa casa, a gente veio pra comprar, a gente não pretende sair daqui mais, é o lugar que a gente gostou e a gente se apaixonou cada dia mais pela casa, o lugar o condomínio é seguro, tem uma paisagem legal é bem ar puro, saudável o lugar, é muito silencioso é difícil fazerem festa aqui e a casa é muito assim o que a gente queria. Tem o lazer que é a piscina, tem o jardim pra Mel, a casa é grande se a gente tiver um filho tem um quarto a mais que é closet agora. Então é o nosso maior sonho, acho que hoje é a casa porque carro cada um tem o seu. A gente pensa em trocar de carro o tempo inteiro, mas não chega ser um sonho. Eu tenho vontade de fazer psicologia, tenho muita vontade de fazer, eu ia começar no ano que eu sofri o acidente, tipo eu ia começar no começo do ano com duas meninas do meu trabalho e aí eu sofri o acidente em setembro e aí fiquei desempregado, então no começo do ano eu não comecei. Então meu sonho individual é começar a faculdade e me formar em psicologia.

Junior: Em conjunto é a casa mesmo, a gente conquistar a casa, acho que é o nosso sonho. E os meus sonhos são voltados pro lado profissional mesmo, eu quero ter o meu próprio negócio, hoje eu trabalho pra alguém né sou funcionário e daqui algum tempo eu não quero mais isso, eu quero ter a minha própria empresa, então eu quero ser empresário. Esse é o meu maior sonho individual.

S: O que é família para vocês?

Eduardo: Família pra mim é exatamente isso que eu tenho hoje, é esse companheirismo, essa preocupação, é o cuidado, acho que família é muito cuidado um com o outro, é ajudar é ser a base, ele é exatamente o que eu preciso hoje. Então se, por exemplo, se eu sumisse e perdesse toda a minha família e tivesse ele, eu ia ter tudo o que eu preciso.

Junior: Família pra mim é esse amor mesmo, são várias coisas na verdade, foi o que ele falou a amizade o companheirismo o sentimento, são vários pilares, várias coisas, tudo numa pessoa só numa coisa só, como se fosse um amor incondicional. Eu tenho uma família grande e eu sempre tive essa coisa em casa de ter com que contar, de ter essa amizade, minha mãe minhas irmãs e hoje eu enxergo o Eduardo como minha família por isso, é bem parecido com o que eu tinha na minha casa.

ANEXO E – Fabio Santos e Adriana Carvalho.

Data: 18/09/2016

Entrevistados:

Fabio, 38, auxiliar administrativo.

Adriana, 38, coordenadora de berçário.

Ambos da cidade de São Paulo e casados há 18 anos. Tiveram dois filhos, Guilherme de 12 anos e Valentina de um ano.

Perguntas:

S: Há quanto tempo vocês se conhecem? Há quanto tempo estão juntos vocês já me responderam né?

Fabio: Desde 1995.

Adriana: Uns 20 anos, 18 anos de casados.

S: Como e onde vocês se conhecerem?

Fabio: Nós nos conhecemos através de parentes, mas no ambiente religioso, na igreja. Eu vinha de outro bairro e aí quando chegamos aqui no Jardim São Bernardo a gente se conheceu através igreja.

S: Qual igreja era?

Adriana: Igreja Batista.

S: Ambas as famílias se dão bem?

Adriana: Desde o começo, sim, as famílias se aceitam bem.

S: Quando vocês se casaram no civil?

Fabio: Foi no mesmo período do religioso - 05 de dezembro de 1998.

S: Ambas as famílias já aguardavam pela decisão do casamento ou foi uma surpresa?

Fabio: Não, já era planejado já era aguardado.

Adriana: Namoramos um ano e ficamos noivos um ano, a família já esperava.

S: Quando vocês decidiram aumentar a família? Vocês planejaram?

Adriana e Fabio: Sim.

Fabio: Foi planejado.

S: Como foi esse período?

Fabio: A gente tinha a ideia de, a gente casou com 20 anos?

Adriana: Seis anos depois.

Fabio: Então a ideia nossa é que fosse com 25-26 anos de idade. E o *Gui* chegou nós tínhamos 25 anos. Deu cinco anos de intervalo.

S: Veio o Guilherme e depois?

Fabio: Depois de doze anos veio a Valentina, onze anos, aí veio a Valentina.

S: A Valentina foi uma surpresa?

Adriana: Não, também foi planejado.

Fabio: Foi planejado. Antes da Valentina teve um aborto espontâneo.

Adriana: Já estávamos tentando a Valentina.

Fabio: Duas tentativas.

S: **Como é a rotina de vocês? É tranquila agitada?**

Fabio: Atualmente é uma loucura.

S: **Como costuma ser? Como funciona o dia a dia?**

Fabio: A rotina? É complicada porque eu entro 08hrs, eu trabalho lá em Osasco, divisa de São Paulo com Osasco, ainda é São Paulo onde eu trabalho. E a *Dri* até entrava mais tarde antes né? A *Dri* entrava 10hrs, então eu saía e não a via acordada, e agora ela entra um pouco mais cedo, mas mesmo assim ainda a gente se vê uma hora por dia.

Adriana: Final de semana (risos).

Fabio: Quando eu chego do seminário.

Adriana: Ele chega meia noite.

Fabio: Então depois do trabalho eu ainda vou pro seminário, e aí chego mais ou menos, ela já está morrendo então não se vê.

Adriana: É uma visita.

S: **É difícil os horários baterem então.**

Adriana: Não bate.

Fabio: Valentina eu só vejo na sexta.

Adriana: Sexta, sábado e domingo.

Fabio: O Guilherme acorda cedo pro colégio, aí vejo tomo café com ele, mas a Valentina é só dia de sexta feira.

S: **Quantos anos o Guilherme tem?**

Fabio: Tem 12.

S: **Acaba que você fica mais com a Valentina.**

Fabio: Literalmente.

Adriana: Passo o dia com ela, antes eu levantava pra dar café pro Guilherme, mas agora eu já deixo ele fazer esse momento né, dos dois, como eles dois quase não se vê então eles tomam café juntos toda manhã.

S: E no fim de semana vocês costumam fazer o que?

Adriana: Ah sempre tem algum programa.

Fabio: A gente sempre tenta fazer algum programa, às vezes eu e ele sozinhos né, a gente também sozinhos, tenta dividir assim dentro da correria, porque final de semana é uma loucura também. E na igreja também tem algumas atividades, tem final de semana que é mais complicado. Tem final de semana que eu toco lá no louvor e tem a escola bíblica também, então quando é essas duas escalas aí fica mais complicado o domingo. Sobra sábado à tarde pra ter alguma coisa.

Adriana: Com eles.

S: O que você acha que faz com que as pessoas resistam à ideia de que uma família possa ser formada por pessoas do mesmo sexo?

Fabio: Então essa nova formação da família a questão não é nem tanto as pessoas, eu acho que educar o que não dá pra compreender é como fica a educação porque querendo ou não sempre será uma educação tendenciosa né. Ele vai ver, enxergar aquele né, ou seja.

Adriana: Seguir aquele modelo né.

Fabio: Exatamente, então aquilo vai ser a verdade dele. Então acho que nem no âmbito religioso, mas no ambiente social, é o que eu vejo assim né, não indo direto pro religioso né, mas como social como sociedade né, ele vai ter aquela ideia de que aquilo seja sociedade. Então, por exemplo, embora atualmente, é muito mais comum as relações homoafetivas, mas aquilo não é a sociedade num todo, é um movimento LGBT, já é um grande número um número expressivo, mas aquilo não é uma sociedade de tradição ou alguma coisa do tipo. Se a gente for olhar historicamente isso é muito recente é muito novo né, essa transformação social. Então, ou seja, isso não é a sociedade, de certa forma é um dos elementos dessa nova formação social, é um fator social né. E no meu modo de ver o que complica é isso, porque por outro lado há famílias tradicionais que são um caos total, então ou

seja, as vezes aquela criança cresce não imaginando que aquilo também seja uma sociedade, vivendo num lar turbulento e tudo mais, e as vezes esses casais tem muito mais condições emocionais de criar uma criança. Então assim o que eu vejo que resiste mais é exatamente isso “como que isso vai desenvolver no psicológico daquela criança”.

S: Você acha então que a sociedade costuma ser mais resistente a essas famílias por conta da educação e da consequência.

Fabio: Como fica a formação psicológica dessa criança? De crescimento de progresso, como vai ser o progresso dessa criança?

Adriana: Eu vejo da mesma forma eu acho que vai acabar, nós como pais nós sabemos que somos o exemplo né, então eu acho que provavelmente ela vai seguir o exemplo que ela vê em casa, então a família pra ela vai ser isso.

S: Isso quando há filhos. E quando é um casal que de repente não tem a intenção de ter filhos? O que então traz esse impacto negativo pra sociedade?

Fabio: Quando não há filhos é uma relação, por mais que aquilo seja, é sempre o contrário do que a gente entende como padrão, porque como padrão a gente tem estabelecido homem mulher né procriação filhos. Pra gente esse é o modelo família sociedade, por exemplo, se a gente entende que a sociedade começa no lar, na casa, então ele parte da casa pra um ambiente social geral tendo em vista que aquilo que ele aprendeu em casa é um modelo daquilo que reflete externamente né. Então é o homem a mulher, a mulher com suas dificuldades com as suas limitações, sua forma de ver, o homem também, então ele tem essas duas informações. E quando ele chega num ambiente geral, ele tá ali vendo tudo que já aconteceu dentro da casa dele. Quando tem filhos, quando tem menina, por exemplo, então ali já tá estabelecido uma forma de social, um treinamento vamos dizer do que é o aspecto social. Então ele já parte com essa visão de irmão, de partilhar com o outro, a forma de se relacionar, e aí vem pra história, imagina né que vai ver o avô ou avó também que tem um modelo parecido, então aquilo já vai se encaixando. Quando é homoafetivo então, por exemplo, ele fala: “*Pera por que que só eles são assim? Meus tios não são, por que meus avós não são?*”, “por que não tem outros da minha história genealógica?”. Se ele for ver historicamente “mas a minha família não é

normal, só eles dois que são assim diferentes”, então esse é o impacto social dessa nova formação social. Essa pós-modernidade traz essa nova fase, esse pensamento, esse novo grupo. Vem depois do pós-modernismo da pós-modernidade, que é onde a pessoa não só pensa, mas ela expõe aquilo que ela acha como verdade, aquilo que ela encara como verdade, e que defende às vezes com tese com teorias aquela verdade, e aí às vezes você tem que confrontar o que que é verdade o que não é verdade ou como refutar essa verdade que as vezes não é a verdade né? É um comportamento uma opção. Hoje, a gente vê muito essas palavras né ah “eu optei ser gay”, então *pera* aí se ela optou então ela não era ela passa a ser por essa opção, então aí ainda nem é uma questão religiosa é uma questão mesmo da própria sociologia explica isso né ou a filosofia. Então, ou seja, esse movimento social essa transformação social se dá exatamente por essas ideias por essas verdades, então se cria o grupo, o grupo se reforça né tendo em vista que esse ambiente já foi preparado lá atrás depois da modernidade, depois das revoluções e tudo mais, onde que a pessoa ganha voz, onde o grupo, nação também né. Tem muitos países que já é lei né, então o casamento homossexual já é oficializado né, a adoção é oficializado pelo próprio país, governo já pensam e apoiam isso né e acho que o Brasil de certa forma né ainda não chegou a esse tipo de decisão exatamente pela história religiosa também. Então como a religião tem crescido né nos últimos anos nas últimas décadas, eu acho que é o que ainda impede esta questão, mas eu acredito que seja com equilíbrio de pensamento de trocas de ideias, acho que esse é um longo debate ainda para se resolver.

S: Vocês já tiveram contato ou conhecem alguma família homoafetiva?

Fabio: Família eu acho que não.

Adriana: Eu tive há pouco tempo no meu trabalho, duas mães. É bem complicado porque dias das mães, dias dos pais, então você vê que a criança acaba sofrendo consequência com isso.

S: Em escolas os contatos que você teve?

Adriana: Sim em escola, os dois foram em escola. Agora não porque ela é bem *bebêzinha* né esse último caso, ela ainda tem um aninho, mas o outro da outra escola onde eu trabalhei ele já era grandinho e eu via que ele se aproximava, ele

tem duas mães, então ela se aproximava mais dos pais das outras crianças, é bem nítido assim que ele sentia falta da figura masculina.

Fabio: Ele vê a diferença né.

Adriana: E mesmo quando outro pai vinha na escola brincar com o filho ele se aproximava, ele se aproximava do pai de outra criança, queria ficar no colo.

Fabio: Para você ver que é uma coisa natural, imagina ele é uma criança não tem o discernimento para poder falar né, decidir, mas como ela natural né, um modelo padrão, imagina quando via os outros pais.

S: Você sabe se essa criança era adotada ou se foi gerada pelas duas?

Adriana: Foi gerada pelas duas.

S: E mesmo assim existia esse comportamento?

Adriana: Existia esse comportamento nele, e quando a gente falava isso pra eles, elas meio que não acreditavam assim, não davam muita importância. Nós até comentamos com ela que sempre quando vinha o pai de algum amiguinho que ele gostava de brincar e aí ela falou que era porque ele tinha padrinho e ele gostava muito do padrinho.

S: Ele cresceu com as duas.

Adriana: Sim desde bebê.

S: É um comportamento bem diferente porque mesmo crescendo junto em algum momento não sentia a identificação.

Fabio: Deve ser difícil porque deve demorar pra ele decidir pra isso né, porque querendo ou não ele vai ter aquela formação que ele convive que ele relaciona, mas quando ele vai para um ambiente geral entendeu? Deve ficar aquela questão, até ele decidir “não, essa é a minha família, então eu vou aceitar isso como a minha família”. Só que aí é aquela é opção, eu tenho que optar por essa família aqui. Acho que aí que entra a questão psicológica né, que ele vai ter que trabalhar o contrário para poder aceitar aquela família que agora ele tem, imagina para uma criança, para um adulto talvez seja menos problemático né, eu opto decido e pronto né, mas fácil

de aceitar talvez né. Acho que para criança é mais complicado né se não tiver um acompanhamento psicológico né, se não tiver uma terapia para poder né inculcar na mente dela aquela questão. Então imagina é um caminho mais difícil né, que nem essa questão mesmo do dia dos pais, dia das mães, já tem um projeto né que não pode mais comemorar né dia dos pais, é dia da família. Imagina você tem que alterar uma lei padrão já.

Adriana: Calendário.

Fabio: Um fator social que já está estabelecido há tantas décadas para poder incluir esse novo formato. Então você não pode nem mais falar dia dos pais dia das mães, você tem que falar pelo menos entre as escolas dia da família, sem contar os dicionários que tiveram que mudar para poder o conceito de família né.

S: Eu ia até fazer essa pergunta pra vocês. Como vocês definiriam o que é família?

Fabio: Como a gente iniciou falando né a nossa ideia de definição é isso, são pessoas opostas que se unem que se gostam que se amam e que tem como mente reprodução e ampliação da espécie.

Adriana: Definiria assim pai mãe e filhos.

S: Se vocês estivessem com os filhos de vocês na rua e presenciassem um casal ou duas mulheres ou dois homens de mãos dadas ou com algum outro gesto de afeto que trouxesse alguma dúvida para as crianças e elas questionassem. Como vocês responderiam isso?

Fabio: Então no nosso caso na nossa família a gente é bem aberto, a gente conversa. Como Guilherme mesmo, ele é muito inteligente desde 5 anos ele deu essa demonstração de inteligência. Então com 5 anos ele já era campeão de xadrez né, então ele tem uma inteligência assim já que é dele. Então assim, o tempo passando e ele já fazendo perguntas assim que criança da idade dele não faria, então ele acho que entende bem essa questão do que que é homem do que que é homem, esse novo formato homem com homem mulher com mulher, então assim pra ele se ele visse não seria um grande constrangimento, ele entenderia o que esta

acontecendo, ali é dois homens não é um casal vamos dizer assim, ali duas mulheres “óh pai você viu lá duas mulheres e tal”.

Adriana: Ele já comentou.

Fabio: Ele falaria dessa forma. Para nós é aquela questão, tem que ter muito entendimento né porque às vezes as pessoas levam pra um lado totalmente radical extremista né, e às vezes muito em conta por conta da religião também. Então se a Bíblia tem uma posição contra eu tenho que ser radical, tenho que ser extremista, o guardião da verdade e acaba sendo extremista. Acredito que a gente não faria isso, até porque hoje é muito comum né, todo dia eu vejo isso no trem no horário que as pessoas estão indo trabalhar e sempre tem casais. Eu vejo que pra tomar este tipo de decisão deve ser um negócio difícil, porque você tem que assumir uma identidade que não é a sua, biológica, psicológica e espiritual deve ser uma visão terrível. A grande sentença esta na mente né, então você imagina ter que ir contra tudo isso, voltar lá atrás e negar tudo isso pra poder dizer “não, agora eu vou ser isso”, “e daqui pra frente eu vou ser isso”, então eu vejo com uma certa pena pelo fato de talvez não ter pessoas ao lado pra poder ajudar nesse tipo de decisão nesse tipo de complexo, dessa crise existencial dessa crise psicológica. Hoje eu fico triste fico chateado quando eu vejo garotas de 15-16 anos já com essa opção que às vezes é levado muito mais pelo modismo do que mulher com 30-40 anos que já tem toda uma história pra tomar este tipo de decisão. Quando eu vejo adolescente entrando nessa fase da adolescência, do descobrimento sexual e já partindo pra esse tipo de decisão, então é complicado porque ainda não teve espaço para poder analisar parte positiva negativa da vida, não percorreu uma caminhada para poder falar: “Não. Agora eu vou ser isso”. Então aí dói o coração porque você fala *poxa* esta de certa forma interrompendo um período da as vezes até mais pelo modismo pela mídia, a mídia contribuiu muito pra isso, ao invés dela ser imparcial ela tomou partido né. Mas a mídia de certa forma ficou liberal né e acabou apoiando e propagando né, então isso que é ruim porque você tem essas adolescentes que tem essa mídia artística que acaba apoiando isso.

S: **Vocês acham que talvez essas adolescentes que já se auto afirmam dessa forma, possa ser consequência de falta de conversa em casa?**

Adriana: Falta diálogo sim.

Fabio: Eu acho que as famílias tradicionais brasileiras tem muito essa deficiência né de conversar abertamente com filhos, de educar realmente né. Acho que o brasileiro tem esse problema com a educação, acha que é por o prato de comida ali, pagar escolinha e pronto, aquilo é educação né. Educação não é só isso né, educação é o andar junto, ver o que esta fazendo, com que anda como que anda, explicar e ter um diálogo aberto de confiança isso faz parte da educação. E quando isso não tem prejudica o desenvolvimento dele, então às vezes a família contribui muito pra isso né. Ou às vezes a criação é problemática e acaba tendo essa carência psicológica afetiva e você vê a outra pessoa e acaba tendo essa compensação né.

A gente tem um caso bem interessante que eu acabei lembrando, tem um amigo nosso, ele é padrasto e ele conheceu essa amiga nossa também. E ela já tinha dois filhos, um menino uma menina, a menina é a mais velha o menino é o caçula. E ele deu uma educação bem rígida, ele teve contato com o evangelho depois e melhorou muita coisa, mas ele tinha aquela educação rígida, problemática, a família dele também é problemática. Então a educação dessa menina foi complicada, e chega um determinado momento que ela começa ter envolvimento com uma mulher bem mais velha, então falando aqui me veio à mente. Então como isso complica a cabeça da criança, então ela tinha aquela educação bem rígida e tal, naquela fase que a adolescente começa a se descobrir e tudo mais. E eu lembro que ele batia nela porque ela estava começando a namorar com os meninos, então ele já perguntava: “Você ta transando com não sei quem la? Você ta se esfregando com os meninos”. E batia, várias surras desse tipo. E aí chega um determinado dia que ela vai embora de casa e vai morar com essa mulher. E aquilo foi terrível pra ele pra família e tudo mais. Ficou não sei quantos anos, quanto anos ela ficou?

Adriana: 2 anos.

Fabio: Dois anos assim, então a frustração dele era terrível né, de ver de saber.

Adriana: Não tinha contato.

Fabio: E agora mais ou menos ela voltou pra casa e acabou de casar com um homem, constituindo uma família mesmo tendo esse envolvimento homoafetivo. E agora ta construindo uma família padrão, normal, sei lá não pode falar assim.

S: Você trabalha em escola não é Adriana? Você acha que a escola deve exercer esse papel e falar da diversidade?

Adriana: Então eu trabalho na educação infantil, então é pouco falado esse assunto né. Eu acredito que mais com os adolescentes né, que nem o meu filho esta na sétima série e la sim, eles falam sobre isso, falam sobre família, falam sobre sexo, falam sobre tudo. Na escolinha que eu trabalho como são bebês então a gente não aborda esse tipo de assunto ainda.

S: E no caso de receber as famílias homoafetivas? Você acha que a escola esta preparada? Que as escolas no geral estão preparadas para lidar?

Adriana: Eu acho que não porque é o que eu te falei a criança acaba sofrendo a consequência depois e se não tem uma pessoa preparada para explicar para mostrar a diferença, ele vai acabar seguindo aquele exemplo e ponto. Então eu acho que não estão preparadas.

S: Vocês ficaram desconfortáveis na presença de uma família homoparental?

Fabio: Hoje eu acho que não.

S: Estando no mesmo ambiente de repente num passeio.

Fabio: Não porque como ficou muito mais comum de se ver do que talvez dez anos atrás. Acho que desconforto não. 10-20 anos atrás era mais agressivo. O que chamaria atenção é mais o filho né, acho que isso que bloqueia de certa forma né.

Adriana: Acho que não, já estivemos em ambiente no shopping, mas não.

S: Eu queria saber o que vocês pensam sobre o Estatuto da Família. Qual olhar vocês tem sobre este projeto de lei?

Adriana: Eu apoio porque é a nossa visão de família também.

Fabio: É o que a gente entende como o ideal, que esse seja o modelo ideal do que seja família.

S: Eu queria que vocês me falassem sobre sonhos, tanto conjuntos quanto os individuais.

Adriana: Já realizamos vários, a casa própria, os filhos, como nossos filhos foram planejados então foram sonhos que fomos conquistando. Agora sonhos futuros? Que eles sejam felizes né.

Fabio: Bastante coisa a gente conquistou realmente, a gente morava com os nossos pais, então não era nosso, a gente teve esse momento de negociar, conquistar nossa casa, casamento tudo mais. Hoje a gente pode dizer que ta quase realizando ou já realizamos. A ideia seria uma casa né, a Vava ta crescendo, então cada um ter o seu quarto, acho que esse é um dos conjuntos né. Bom, pessoal, como eu disse eu estou fazendo seminário né, esse é um desafio desse ano até achei que não ia conseguir resistir porque demanda muita leitura, capacidade psicológica né. Eu já estou no 2º semestre então sonho pessoal seria esse concluir.

ANEXO F – Opiniões

Data: 07/10/2016

Nome: Lenilson

Idade: 51 anos

Profissão: Motorista

S: O que é família para você?

Lenilson: Pra mim família é tudo. Depois de Deus vem à família, os amigos e por aí vai. Acho que família é fundamental pra tocar a vida.

S: Qual seu olhar com relação às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo?

Lenilson: Não tenho nada contra, eu vejo isso aí de uma forma um pouco diferente [...], mas respeito o ponto de vista de cada um, cada um deve tocar sua vida como achar melhor.

Data: 13/10/2016

Nome: Luciano

Idade: 57 anos

Profissão: Metalúrgico

S: O que é família para você?

Luciano: Família pra mim é um pouquinho de cada coisa. Sem família a gente não vive, sozinho a gente não vive. Resumindo é tudo na vida do ser humano.

S: Qual seu olhar com relação às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo?

Luciano: Não podemos ser preconceituosos. Como a gente não pode mudar o mundo né [...] cada um pensa de um jeito. Aceitar e ignorar os ignorantes, cada um tem sua própria vida.

Data: 15/10/2016

Nome: Patrícia Daniela

Idade: 44 anos

Profissão: Doméstica.

S: O que é família para você?

Patrícia: Família pra mim é tudo. É carinho, amor, dedicação.

S: Qual seu olhar com relação às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo?

Patrícia: Eu acho estranho, mas a escolha é de cada um. Cada um vive do jeito que quer.

Data: 02/11/2016

Nome: Suelen Lopes

Idade: 29 anos

Profissão: Auxiliar administrativo.

S: O que é família para você?

Suelen: Família pra mim é a base de tudo, é a estrutura da nossa vida.

S: Qual seu olhar com relação às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo?

Suelen: Acho que não tem nada demais. A partir do momento que tem amor e carinho e respeito, eu acho que não tem nada demais, vejo como uma coisa normal. Vejo como um casal normal como qualquer outro. Sabendo respeitar o próximo, acho que não tem problema nenhum.

ANEXO G – Figura 1



ANEXO H – Figura 2

06/09/2015 13h44 - Atualizado em 06/09/2015 13h55

Acidente com ônibus deixa 15 mortos em Paraty

Pelo menos 77 pessoas estavam no veículo que seguia para Trindade. Falha no freio pode ter causado o acidente, segundo perícia da Polícia Civil.

ANEXO I – Figura 3



ANEXO J – Figura 4



ANEXO K – Figura 5



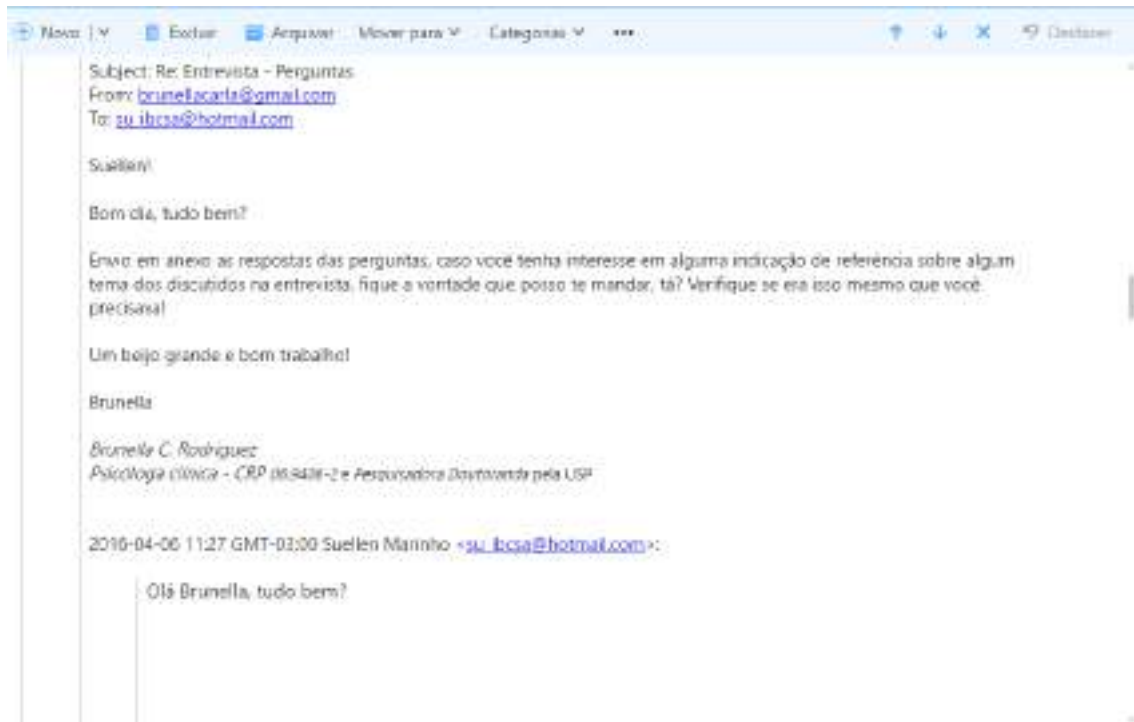
ANEXO L – Figura 6



ANEXO M – Figura 7



ANEXO N – Autorização Brunella Rodriguez



ANEXO O – Autorização Gabriela

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo Gabriela Egg Pedro presente instrumento particular,

RG 529643 CPF 07494286942, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual prejuízo de dano moral ou material.

São Paulo, 06 de Setembro de 2016

Gabriela Egg Pedro
Cedente

ANEXO P – Autorização Camila

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Peço Camila Apouada Pedro presente instrumento particular,

RG 6210534 CPF 05355386938, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua: Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

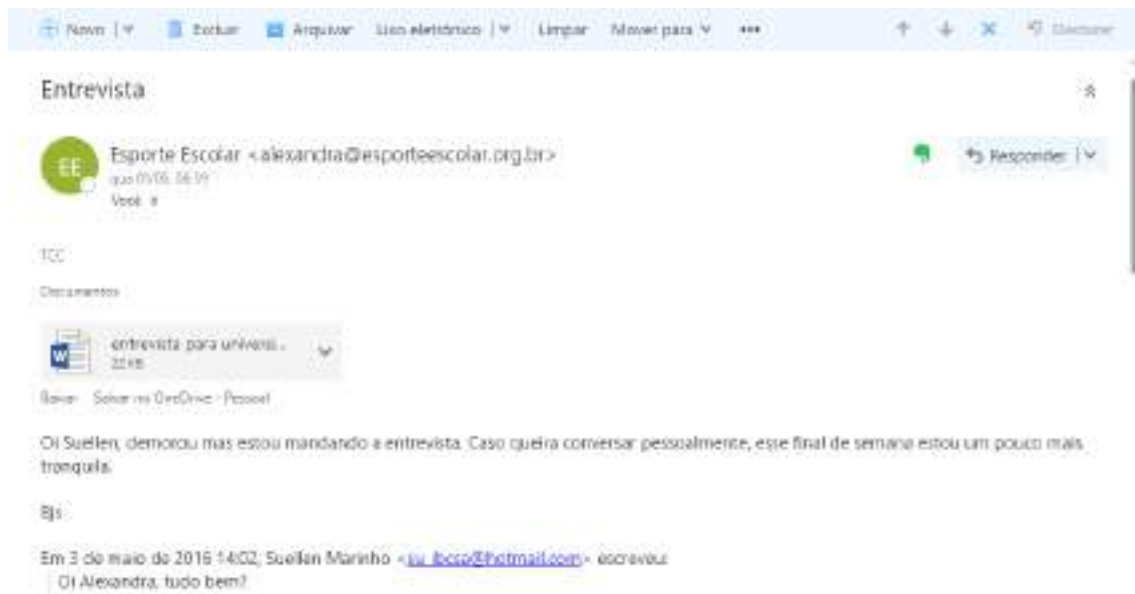
A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 06 de Outubro de 2016

[Assinatura]
Cedente

ANEXO Q – Autorização Alexandra



ANEXO R – Autorização Alexandra

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo presente instrumento particular,

ALEXANDRA DA SILVA ACOSTA
RG 021.351.819, CPF. 026.112.164-73, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ.: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidi, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

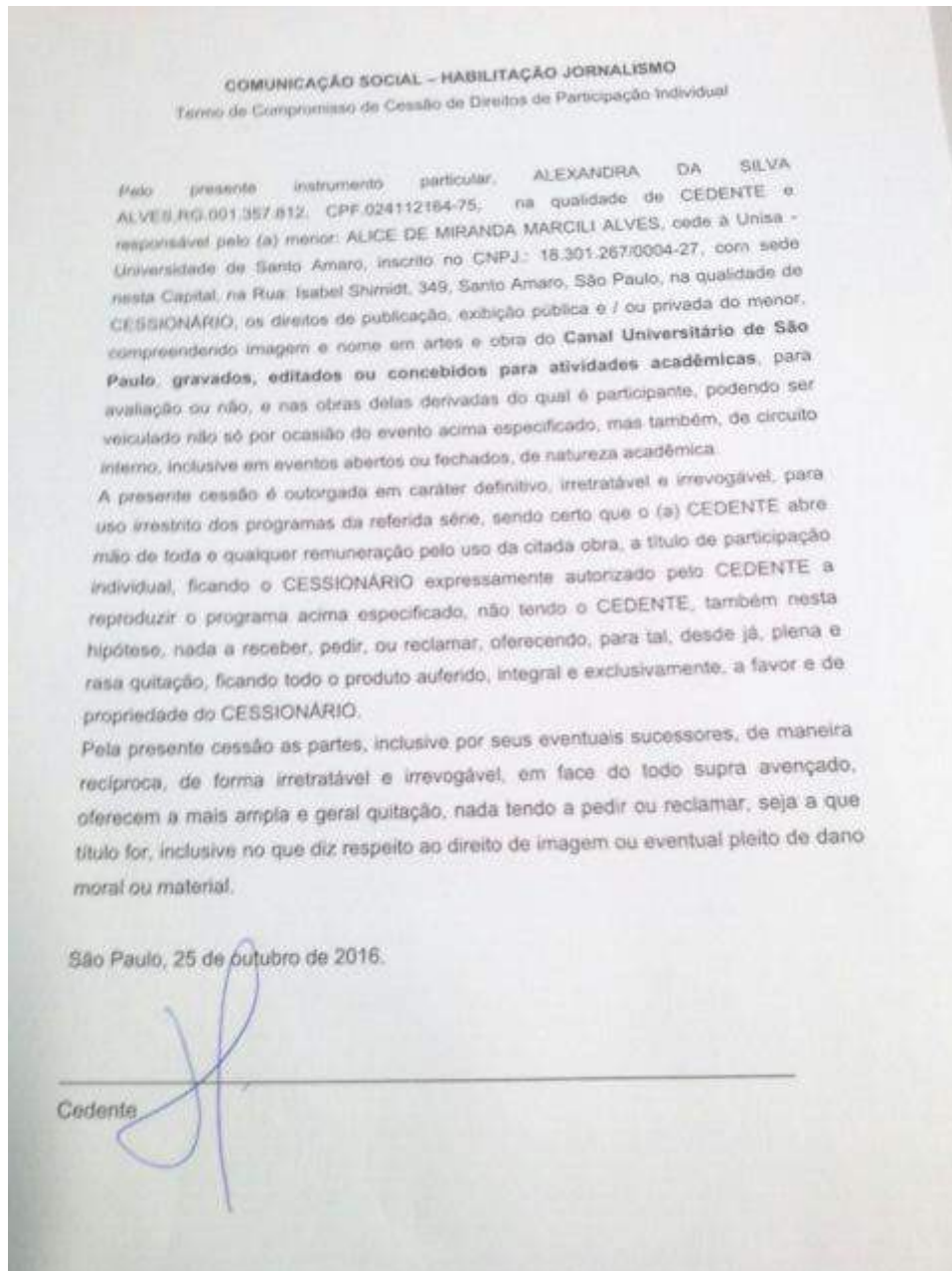
A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevocável e irrevogável, para uso restrito dos programas da referida sala, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não sendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, obrigando, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto autêntico, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevocável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 27 de AGOSTO de 2016

Cedente

ANEXO S – Autorização de Alexandra para Alice



ANEXO T – Autorização Denise

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
 Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Feito _____ presente _____ instrumento _____ particular _____
Denise de M. Monca

RG 29492697-2 CPF 221.161.938-79, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrita no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shirnik, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso restrito dos programas da referida obra, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, existindo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto a ser veiculado, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 27 de Agosto de 2016

 Cedente

ANEXO U – Autorização Junior

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo Junior Berto presente instrumento particular,

RG 40135347-7 CPF. _____ na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrita no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidzu, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade do CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas de qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irratificável, para uso exclusivo dos programas da referida emissora, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irratificável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleão de dano moral ou material.

São Paulo, 17 de Setembro de 2016

Junior Berto
Cedente

ANEXO V – Autorização Eduardo

COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo _____, presente _____, instrumento _____, particular.

RG. 44050271 CPF. _____ na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidi, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra-avencado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 17 de Setembro de 2016

Bubu Eduardo B. de Souza
Cedente

ANEXO W – Autorização Fabio

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo presente instrumento particular,

Adriano Domingos Santos
RG 27.249.805-1 CPF 170.864.928-09 na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ.: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do que é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irretroatável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 18 de setembro de 2016

[Assinatura]
Cedente

ANEXO X – Autorização de Fabio para Guilherme

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo presente instrumento particular,
FABIO NOMINEUS SANTOS RG 24.247.805-1
CPF 170.864928-09, na qualidade de CEDENTE e responsável pelo (a) menor: Guilherme RG 52.854.430-5, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada do menor, compreendendo imagem e nome em artes e obras do **Canal Universitário de São Paulo, gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas**, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irretroatável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 19 de outubro de 2016


Cedente

ANEXO Y – Autorização de Fabio para Valentina

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Peço presente instrumento particular, Fabio Domingos Santos RG 27249 805-1,
CPF 170 86492809, na qualidade de CEDENTE e responsável pelo (a) menor Valentina Domingos Santos RG: _____, cede
à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrita no CNPJ: 16.301.267/0004-27, com
sede nesta Capital, na Rua: Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na
qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada
do menor, compreendendo imagem e nome em artes e obra do Canal Universitário
de São Paulo, gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas,
para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo
ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de
circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.
A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para
uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre
mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação
individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a
reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta
hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e
rassa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de
propriedade do CESSIONÁRIO.
Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira
recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado,
oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que
título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pedido de dano
moral ou material.

São Paulo, 15 de Outubro de 2016

[Assinatura]
Cedente

ANEXO Z – Autorização Adriana

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo presente instrumento particular,

Adriana Selva Cavallho Runko
RG = 32.22995-2 CPF = 015113669106, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua: Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, o título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 18 de setembro de 2016.

Adriana Selva Cavallho Runko
Cedente

ANEXO Z1 – Autorização de Adriana para Guilherme

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo presente instrumento particular,

Adriana Silva Cavello RG 32.115.855-1
CPF 215.727.062/100 na qualidade de CEDENTE e responsável pelo (a) menor Guilherme Domingos Cavello RG 57.854.430-5 cede a Ufrisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimid, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada do menor, compreendendo imagem e nome em artes e obra do Canal Universitário de São Paulo, gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irretroatável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 05 de Dezembro de 2016

Adriana Silva Cavello
Cedente

ANEXO Z3 – Autorização de Lenilson

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual


Pelo presente instrumento particular,

LENILSON PEDRO DA SILVA
RG 21315149-2, CPF 356.642.754-97, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrita no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua: Isabel Shmidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter irrevogável, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida obra, sendo esta que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto autuado, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 16 de Agosto de 2014

Cedente 

ANEXO Z4 – Autorização Luciano

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Peço Luciano Pedro da Silva presente instrumento particular,

RG 28.660.079 CPF 03003670821 na qualidade de CEDENTE, cedo à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 13.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua: Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irretroatável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 13 de outubro de 2016

Cedente

ANEXO Z5 – Autorização Patrícia

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Peço Patricia Almeida F dos Santos presente instrumento particular,

RG 25.185.267-2 CPF 348.279928/04 na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ: 18.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada: de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso restrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da criada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto autêntico, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 07 de setembro de 2018

Patricia Almeida F dos Santos
Cedente

ANEXO Z6 – Autorização Suelen

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO
Termo de Compromisso de Cessão de Direitos de Participação Individual

Pelo Suelen clp = Lopes presente instrumento particular,

RG 32911479-6 CPF 23022141806, na qualidade de CEDENTE, cede à Unisa - Universidade de Santo Amaro, inscrito no CNPJ 16.301.267/0004-27, com sede nesta Capital, na Rua Isabel Shimidt, 349, Santo Amaro, São Paulo, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, exibição pública e / ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão (Canal Universitário de São Paulo), gravados, editados ou concebidos para atividades acadêmicas, para avaliação ou não, e nas obras delas derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, de circuito interno, inclusive em eventos abertos ou fechados, de natureza acadêmica.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o (a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, integral e exclusivamente, a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, 02 de maio de 2016

Suelen Aparecida Lopes
Cedente

ANEXO Z7 – Artigo acadêmico

RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI: OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS.

SILVA, Suellen Marinho²¹

Universidade de Santo Amaro – SP

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo sobre a formação das famílias homoparentais, com ou sem filhos, os desafios que tem encontrado por não pertencerem ao padrão de família nuclear monogâmica e o olhar da sociedade para com este novo modelo de família. O estudo tem como base a análise de um projeto de pesquisa realizado para suporte de livro-reportagem, do qual contará as histórias de vida de algumas famílias que pertencem ao grupo.

Palavras-chave: Família, homoafetividade, homoparentalidade.

Abstract: The following article has studied the homoparental Family development, with or without children, and what difficulties they have gone through on their lives for not belonging to the traditional monogamous structure. The article has as source reports made by interviews to support a reporting book, that will relate true stories of homoparental families.

Keywords: Family, homoparenthood, parental representation.

Introdução

O grupo social família é considerado o mais antigo grupo social e também a base de toda estrutura da sociedade. De acordo com o sociólogo Pitirim Sokorin (1968) a família combina os mais importantes vínculos na formação do indivíduo e

²¹ Comunicação Social – Jornalismo, 8º semestre – E-mail: suellenmrh@gmail.com
Orientador: Maurício Capela

abrange centenas de milhares de pessoas, que ingressam na família como o seu primeiro grupo sócio-cultural, logo após o nascimento. E assim como todos os grupos existentes, a família sofreu mudanças ao longo do tempo, pois nenhum grupo é capaz de manter-se imune às transformações de pensamento, e logo, as mudanças de comportamento.

Como nos esclarece Prado, Engels e outros autores, historicamente a família era formada por um patriarca e pela ambição econômica de fortalecer laços e atrair novas alianças. O desejo por filhos surgia a partir da ideia de herança e proteção patrimonial.

A motivação para construção da entidade familiar nos dias atuais é diversa, assim como a pluralidade dos modelos que surgiram e ganharam maior visibilidade nos últimos anos. Como diz Rodrigo da Cunha (2001, p.10) a família deixou de ser núcleo de interesse econômico e de reprodução para ser espaço de afeto.

Hoje, a família homoparental, nome dado às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, com ou sem filhos, já formam um grande número em nosso país, enquanto os números de famílias tradicionais encolhem nas pesquisas. Um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ²² mostrou que o modelo tradicional de “pai, mãe e seus filhos” representam 49,9% dos domicílios, enquanto 51,1% representam os demais formatos.

Tem sido cada vez mais comum encontrarmos diferentes formatos de família, mas muitas dessas mudanças são questionadas à medida que se transformam e ganham notoriedade, como aconteceu no ano de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) fez o reconhecimento da união de pessoas do mesmo sexo como entidade familiar.

²² “Pai, mãe e filhos” já não reinam mais nos lares. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/economia/pai-mae-filhos-ja-nao-reinam-mais-nos-lares-5898477>>

Cuida-se, enfim, a meu juízo, de uma entidade familiar que, embora não esteja expressamente prevista no art. 226, precisa ter a sua existência reconhecida pelo Direito, tendo em conta a existência de uma lacuna legal que impede que o Estado, exercendo o indeclinável papel de protetor dos grupos minoritários, coloque sob seu amparo as relações afetivas públicas e duradouras que se formam entre pessoas do mesmo sexo. Em suma, reconhecida a união homoafetiva como entidade familiar [...] ²³

O amparo legal trouxe a visibilidade que este grupo precisava para ampliar a discussão sobre as novas famílias. A família homoparental, e também chamada de família homoafetiva, é um dos grupos familiares que representam essa pluralidade dos novos modelos, e que mesmo tendo reconhecimento legal desde 2011, luta avidamente para conseguir tratamento igualitário como uma família comum.

Este grupo tem sofrido com a rejeição de uma parcela mais conservadora da sociedade, que por diversos motivos se opõe ao formato, como se o mesmo representasse uma ameaça aquilo em que acreditam.

O estudo acerca do tema é necessário, pois o Brasil ainda não se adequou totalmente aos novos formatos, de modo que a legislação ainda esta em formação na proteção desse grupo familiar. Somente em março de 2016, cinco anos após o reconhecimento legal, as famílias homoafetivas conseguiram o direito de registrar seus filhos logo após seu nascimento, não mais dependendo de autorização judicial e longos processos²⁴. Sempre há um novo direito a ser dado, um novo questionamento a ser feito e uma sociedade que precisa discutir cada vez mais, a fim de banir o preconceito de seu cotidiano.

Este artigo tem por objetivo apresentar o resultado de uma pesquisa realizada para ser base de um Livro-reportagem. Investigando o porquê a sociedade ainda resiste a este formato de família. A relevância deste trabalho deve-se à inevitabilidade de se entender, estudar e ampliar o debate acerca desse novo grupo familiar que tem crescido no Brasil.

²³ ADIn n. 4.277, p. 14. A íntegra do acórdão do STF. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastf/anexo/adi4277rl.pdf>>

²⁴ Corregedoria regulamenta registro de criança gerada por reprodução assistida. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81780-corregedoria-regulamenta-registro-de-crianca-gerada-por-reproducao-assistida>>

Conceito de família e sua transformação

Ao pensar em um único conceito para definir o que é família, logo se chega à conclusão que, dificilmente exista uma definição que alcance tudo o que ela representa.

A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado. (PRADO, 1985, p.12)

Segundo Danda Prado (1985), o termo que origina-se do latim *famulus* foi cunhado pelos gregos e fazia referência a um conjunto de pessoas que dependiam de um mesmo senhor, em outras palavras, era a relação entre senhor e dependentes que residiam num mesmo lugar. O senhor, na qualidade de pai e chefe de família, e todos os demais indivíduos como esposa, filhos e servos, como dependentes.

Hoje, o termo família se popularizou de modo que qualquer grupo pode se autodenominar família pelo simples fato de compartilharem algo em comum, como por exemplo: Família Palmeiras. Não estamos nos referindo a nenhum grau de parentesco ou laços sanguíneos e sim de laços afetivos por uma comunidade que compartilha da mesma admiração por um clube de futebol.

Constitucionalmente, temos no artigo 226 da Carta Magna de 1988, a família como a base da sociedade e uma instituição que merece total proteção do Estado. Mas também é possível encontrar uma padronização da mesma ainda no artigo 226 sendo parágrafo 3º “Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”.

Mas a família ganhou novos aspectos fruto dos avanços jurídicos e da constante luta do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), que nasceu em 1970 defendendo a diversidade sexual.

Existem tantas nomenclaturas para família que a legislação não poderia deixar de reconhecê-las: a família homoparental, tradicional, monoparental,

ampliada etc. Dessa forma, não podemos esperar encontrar um conceito perfeito de família, contrário ao que acredita o Deputado Anderson Ferreira (PR-PE), autor do Projeto de Lei 6583/2013 Estatuto da Família, que reconhece como entidade familiar apenas a união entre um homem e uma mulher e seus filhos.

Para fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre homem e mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.²⁵

Muitas são as formas que encontramos para nos referirmos às famílias. O que podemos afirmar é que, o grupo família é uma instituição indispensável para o desenvolvimento saudável de uma nação e que de uma forma ou de outra sempre existiu, e existe até hoje.

União homoafetiva e seu reconhecimento como entidade familiar

A relação entre pessoas do mesmo sexo é muita mais antiga do que as nomeações que recebeu ao longo da história. Durante o período clássico em Atenas, a relação entre iguais tinha caráter educacional e foi chamada de pederastia²⁶. De acordo com Donaldo Schüller (2001), o *erasta* costumava ser um cidadão respeitado, com mais de 30 anos, homem experiente e com vocação pedagógica. O *erômeno* era o jovem entre 12 e 18 anos que tinha o direito de escolher seu mestre, neste caso, seu erasta, que lhe conduziria às mais diversas áreas de conhecimento.

Muitos nomes já foram dados para classificar as relações entre pessoas do mesmo sexo. Até 1990, a relação era considerada consequência de uma doença

²⁵ Projeto de Lei 6583/2013. Inteiro teor. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FC5C557DE6D329C5ABE9B776BEA5A10B.proposicoesWeb1?codteor=1159761&filename=PL+6583/2013>

²⁶ Pederastia: Relação sexual mantida entre um menor e um adulto.

mental. Foi somente no dia 17 de maio de 1990 que a Organização ²⁷ Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo da lista internacional de doenças.

A história revela que os homossexuais foram perseguidos durante séculos como verdadeiros párias, sodomitas, homófilos, ou pederastas, portadores de anomalias e taras, sendo o fenômeno considerado, sucessivamente, como inversão, perversão, sintoma derivado de circunstâncias psicossociais, desajuste comunitário, desvio adquirido do impulso sexual [...] (ZAMBRANO, 2006, p. 4).

O termo homossexualismo, que fazia uso do sufixo “ismo” e nos remete a doença, foi substituído por homossexualidade, ao que se refere a um jeito de ser. Não satisfeita com as mudanças, a jurista brasileira e Vice-Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, Maria Berenice Dias cunhou a palavra homoafetividade na tentativa de ajudar a por fim ao repúdio do amor entre iguais e para lembrar que essa relação nasce a partir do afeto como qualquer outra. (DIAS, 2010, p. 1).²⁸

Um novo termo aqui, outro neologismo ali, palavras não costumam ser a solução para problemas em geral, mas de todo modo ajudam. Hoje, o vocabulário jurídico faz uso da criação de Dias através de: União homoafetiva, adoção homoafetiva, família homoafetiva etc. O afeto tem sido mais presente, nos textos e na prática, mesmo que uma parcela mais conservadora da sociedade se mostre resistente às mudanças aquilo que se refere à família em geral.

Dias afirma que a homoafetividade é um fato que não pode ser negado e nem esquecido pelo legislador pátrio, pois o afeto é uma condição que merece tutela do Estado. Dessa forma, no ano de 2011,²⁹ o Supremo Tribunal Federal (STF) fez o reconhecimento da união estável entre casais do mesmo sexo como entidade familiar e o casamento civil legalizado desde 2013.

²⁷ Comissão de Diversidade Sexual da OAB/RS divulga nota do Dia Mundial de Combate à Homofobia. Disponível em: <<http://www.oabrs.org.br/comissoes/ceds/noticias/comissao-diversidade-sexual-oabrs-divulga-nota-dia-mundial-combate-homofobia/17956>>

²⁸ Homoafetividade um novo substantivo. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_661\)30__homoafetividade__um_novo_substantivo.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_661)30__homoafetividade__um_novo_substantivo.pdf)>

²⁹ Supremo reconhece união homoafetiva. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>>

Considerando que o Supremo Tribunal Federal, nos acórdãos prolatados em julgamento da ADPF 132/RJ e da ADI 4277/DF, reconheceu a inconstitucionalidade de distinção de tratamento legal as uniões estáveis constituídas por pessoas do mesmo sexo [...] Resolve: Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas do mesmo sexo [...]³⁰

A decisão foi de extrema importância para impulsionar os demais direitos que vinham a seguir e para auxiliar na ampliação da discussão acerca da família homoparental, que se faz necessária até o cessar do preconceito.

O exercício da parentalidade

Parentalidade é um termo da área psicanalítica ao que se refere “tornar-se pai” ou “tornar-se mãe”. (ZORNING, 2010).³¹ Em outras palavras, ser responsável por um indivíduo vulnerável, logo, uma criança que precisa de cuidados como alimentação, vestuário, educação e saúde (ZAMBRANO, 2006).

Estamos acostumados a nos deparar com o exercício da parentalidade realizado por casais heterossexuais. Veja bem, nossa mente é bombardeada por memórias assim. Comerciais de TV, por exemplo, uma mesa farta de café da manhã sendo servida por uma mulher e um homem que abrem constantes sorrisos para as crianças sentadas, que neste caso, representam os filhos do casal. Nossas mentes estão acostumadas com a parentalidade ligada à família tradicional e não nos damos conta que seu exercício independe de quem esta exercendo efetivamente.

Por isso, a sociedade brasileira mais conservadora e resistente às famílias homoparentais encontram dificuldades em aceitar o exercício da parentalidade por estas famílias. De acordo com Zambrano, podemos compreender sobre a parentalidade:

³⁰ Resolução sobre casamento civil. Disponível em:

<http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>

³¹ Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010>

[...] parentalidade não é sinônimo de parentesco e filiação e pode ser exercida por pessoa sem vínculo legal ou de consanguinidade [...] os vínculos estabelecidos podem ser os mais diversos e, em muitas delas, a função educativa e o apego afetivo não são, necessariamente, associados à função reprodutora e essa não é determinante da filiação. (2006, p.13)

O desejo em exercer a parentalidade pode surgir apenas do vínculo afetivo de modo que não compromete o bom desenvolvimento da criança que nasce ou cresce em lar homoafetivo.

Zambrano reforça que a capacidade de criar um bom relacionamento com os filhos é que indica um bom exercício da parentalidade e não a orientação sexual dos pais. Mas esta questão parece estar pouco presente na discussão dos cidadãos mais resistentes a ideia de que a família está além do modelo monogâmico nuclear que conhecemos, pois um dos argumentos mais ressaltados por alguns, é de que a parentalidade exercida fora do modelo tradicional não é saudável para formação do indivíduo.

Família homoparental e o olhar da sociedade para com a homoparentalidade

Família homoparental e família homoafetiva, ambas se referem à união estável ou civil de pessoas do mesmo sexo, com ou sem filhos. Seguindo as considerações da antropóloga Elizabeth Zambrano, quando nos deparamos com um adulto ou mais em conjunto que se autodesigna homossexual e pretende ou já está na condição de responsável por um indivíduo menor, então, estamos falando de homoparentalidade – neologismo criado pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL) em Paris.

[...] situação na qual pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é (ou pretende ser) pai ou mãe de, no mínimo, uma criança. O uso do termo costuma ser objeto de muitos questionamentos, pois coloca o acento na “orientação sexual” (homoerótica) dos pais e a associa ao cuidado dos filhos (parentalidade). Esta associação (homossexualidade dos pais e cuidado com os filhos) é, justamente, o que os estudos sobre homoparentalidade se propõem a desfazer, demonstrando que homens e mulheres homossexuais podem ser ou não bons pais, da mesma forma como homens e mulheres heterossexuais. (ZAMBRANO, 2006, p. 10).

Em nossa sociedade contemporânea ocidental, a família costuma ser percebida como o grupo mais natural das instituições (ZAMBRANO, 2006, p. 125),³² como um órgão organizador que transmite os mais diversos valores culturais e morais, e por isso costumamos imaginá-la como universal, mas sua estrutura é complexa, não se pode definir e tomar por correto apenas um único modelo de família.

Aqui no Ocidente, o modelo familiar mais comum corresponde ao modelo de “família nuclear”, com um pai, uma mãe e filhos. (ZAMBRANO, 2006, p. 11). Mas ao longo dos últimos seis anos este modelo foi transformado, acrescentado ou modificado, se assim podemos dizer, e outras formas de família começaram a ser notadas.

Cabe ressaltar que as famílias homoparentais já existem há muito tempo, só não havia amparo legal e grande notoriedade como há hoje. O que tem se tem notado com frequência é a resistência de alguns cidadãos de pensamento mais conservador, que acreditam firmemente na família padrão como único modelo possível de construção da entidade familiar.

Ainda permeia entre as discussões que a família homoparental/homoafetiva possa ser uma ameaça ao conceito de família e em sua efetiva construção. De acordo com Carlos Haag:

³² Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a06v1226.pdf>>

[...] segundo alguns, que a falta da presença dos dois sexos faria as crianças crescerem sem referências do masculino e feminino. Psicóticas e discriminadas, ao final se transformariam em homossexuais, colocando em risco a civilização. (2007, p. 89).

O conservadorismo religioso tem sido o principal expoente influenciador do julgamento negativo que as famílias homoparentais têm enfrentado. Segundo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³³ (IBGE), 86,8% do Brasil é cristão, sendo dividido por 64,6% católicos e 22,2% evangélicos.

Para uma parcela dessa maioria religiosa, a família é formada por um homem e uma mulher, conforme descrito no livro Bíblia Sagrada. E para formalização desse modelo, que crescemos observando, foi criado o casamento, como simples contrato, e como lembra Maria Berenice Dias, o objetivo desse modelo era impor ao casal o dever de gerar filhos até o fim da vida.

O fato é que, tanto o estado como todas as religiões, credos e crenças, sempre tentaram amarrar e eternizar os vínculos afetivos. Para isso foi criado o casamento. Simples contrato considerado uma instituição, um sacramento, com a só finalidade de impor ao par o dever de se reproduzir até a morte. (DIAS, 2013, p. 1).³⁴

Essa parcela mais conservadora da sociedade demonstra resistência por se sentir ameaçada, pois aquilo que acreditam e defendem por correto não esta de fato acontecendo. Muitos dos 49%³⁵ de brasileiros que são contra a união de pessoas do mesmo sexo, segundo pesquisa realizada pela agência de pesquisa de mercado e inteligência, Hello Research, compartilham da ideia do autor do Estatuto da Família, Deputado Anderson Ferreira (PR-PE), de que existe um conceito perfeito de família e que este esta sob ameaça devido ao crescimento das famílias homoparentais.

³³ O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; e evangélicos já são 22,2%. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao-%E2%80%93-cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/>>

³⁴ Que Família. Disponível em:

<[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_551\)que_familia.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_551)que_familia.pdf)>

³⁵ Quase metade dos brasileiros é contra o casamento gay. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/quase-50-dos-brasileiros-sao-contra-casamentos-gays>>

O conceito pra mim de família é um casal heterossexual. Nós não sabemos ainda a que ponto pode chegar um novo conceito de família. Até por que, ainda não tem dados que possam ser comprovados de como serão a cabeça dessas crianças [...]³⁶

Muito se questiona sobre o desenvolvimento da criança que pode nascer ou ser adotado (a), logo, crescer em lar homoafetivo, e um dos apontamentos é de que o indivíduo menor deve fazer reconhecimento de uma figura masculina e feminina, fazendo alusão de que a criança possa ficar confusa e não ter um bom desenvolvimento psicológico.

Para esclarecer esta questão, a pesquisa teve a colaboração da psicóloga Brunella³⁷ Carla Rodriguez, que faz outro questionamento. O que seria feminino e masculino nos dias de hoje? A discussão sobre as posições mulher/homem, heterossexualidade/homossexualidade, feminino/masculino, pai/mãe são extremamente limitantes diante das múltiplas possibilidades de ser e relacionar-se no mundo. Dessa forma Brunella comenta que: “Toda criança necessita conviver com a diferença, com a alteridade, para que se constitua como sujeito, mas essa diferença não precisa ser a diferença sexual. Precisa ser diferença”.

A psicóloga ainda reforça que o que é significativo para saúde psíquica da criança é que ela faça parte de uma família que possa prover para ela vinculação efetiva de qualidade. E para que esta se construa como sujeito não é necessário um pai ou uma mãe especificamente, mas sim um cuidador que insira a criança em nossa cultura, no social.

Não há um tipo de família específico que possa garantir felicidade e bom desenvolvimento dos filhos. O que podemos afirmar é que parceiros/as capazes de estabelecer entre si e seus filhos vínculos afetivos bons, têm mais possibilidade de favorecer um bom desenvolvimento psíquico e social satisfatório (HAAG, 2007, p. 89).

³⁶ Entrevista com Deputado Anderson Ferreira concedida a Revista Forum: Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2014/02/17/a-familia-e-um-casal-heterossexual-diz-autor-do-estatuto-da-familia-leia-entrevista/>>

³⁷ Entrevista concedida a Suellen Marinho da Silva. São Paulo, 12 abr 2016.

A questão da família homoparental ou família homoafetiva, deve ser observada e tratada com cuidado, pois envolvem adaptações muito complexas para tirarmos conclusões precipitadas.

Considerações finais

Conclui-se com esta pesquisa que a família homoparental ainda causa muitos questionamentos, e que ainda existe de maneira firme, a ideia de que o grupo social família só possa receber tal titularidade se estiver dentro do modelo tradicional. E muito são os argumentos para defender esta ideia. O autor do Estatuto da Família, Deputado Anderson Ferreira (PR-PE), membro da bancada evangélica, tem sido um exemplo marcante na abordagem do assunto, pois em sua justificativa no Projeto de Lei 6583/2013 deixa claro que considera uma sociedade mais fraterna e feliz, aquela que obedece ao padrão.

Outra forte evidência que elucida a influência religiosa é o projeto de lei da Deputada Julia Marinho (PSC-PA) para fazer alteração à Lei nº 8.069 – Estatuto da Criança e do Adolescente, na tentativa de vetar adoção conjunta por casal homossexual. A deputada que também faz parte da bancada evangélica justificou em seu projeto que a finalidade da proposição é evitar que crianças e adolescentes adotados sejam inseridos em situação de provável desgaste social. E completa: “A colocação ambiente familiar que não logra ampla aceitação social pode gerar desgaste psicológico e emocional em fase crítica de desenvolvimento humano”.³⁸

Logo, é possível identificar o julgamento prévio e frequente ao que se refere à família homoparental. A condenação generalizada da questão homossexualidade ainda é influenciada pelas leis religiosas, o que faz com que qualquer outra configuração de família se torne impensável. (HAAG, 2007, p. 86). São muitos os motivos que tem levado ao preconceito que a família homoparental sem sofrido. É correto? É saudável? São algumas das perguntas que surgem com frequência na discussão do tema.

³⁸ Projeto de **Lei 620/2015. Inteiro teor**. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1306827&filename=PL+620/2015>

Muitos estudos foram feitos e ainda estão sendo realizados para esclarecer que não há risco para formação da sociedade de modo geral e nem para o indivíduo que cresce junto a essas famílias.

A saúde psíquica da criança fruto de união homoafetiva depende apenas do vínculo afetivo de qualidade, como deixa claro a psicóloga Carla Rodriguez. O contato com ambos os sexos, segundo Carlos Haag, não precisa ser necessariamente dentro da célula familiar. (2007, p. 89). E como já foi dito anteriormente por Rodriguez, à diferença é saudável e necessária.

Após essas reflexões, é importante ressaltar que dificilmente a família poderá corresponder a um único modelo. Faz-se necessário para concluir este raciocínio o comentário da psicanalista Maria Consuelo de Passos: “Neste sentido, a família de hoje impõe, no lugar da hegemonia dos papéis e dos lugares fixos, uma maior flexibilidade na constituição de posições e membros do grupo”. (2005, p.36).

Não se pode negar que a tentativa de manter um único modelo para corresponder vínculos afetivos sempre existiu. A Vice Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Famílias (IBDFAM), Maria Berenice Dias, reforça o pensamento e diz em seu artigo intitulado “Invisibilidade das uniões homoafetivas”, que a família consagrada pela lei sempre foi conservadora. Como entidade matrimonializada, patriarcal, patrimonial, indissolúvel, hierarquizada e heterossexual. (DIAS, 2013, p. 1).³⁹

Mas agora, em 2016, não faz sentido nos referirmos à família, apenas aquelas que correspondem ao modelo tradicional, estruturado com base nas ideias conservadoras citadas por Dias. Ter uma visão plural do que é família é imprescindível, de modo a banir o preconceito e repúdio que recai sobre este grupo.

³⁹ A invisibilidade das uniões homoafetivas. Disponível em:
<[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_611\)a_invisibilidade_das_unioes_homoafetiva.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_611)a_invisibilidade_das_unioes_homoafetiva.pdf)>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 9ª Edição, 1984, p.66

HAAG, Carlos. **Um é pouco. Dois é bom. Estudos desmistificam preconceitos sobre famílias de pais homossexuais.** Revista FAPESP, 2007, p. 89

HAAG, Carlos. **Um é pouco. Dois é bom. Estudos desmistificam preconceitos sobre famílias de pais homossexuais.** Revista FAPESP, 2007, p. 86

PASSOS, Maria Consuêlo. **Homoparentalidade: Uma entre outras formas de ser família.** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v.17, 2005, p. 36

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 65-70

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 12

PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 65-69

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Concubinato e união estável.** Belo Horizonte: Del Rey 6ª Edição, 2001, p. 10

SOKORIN, Pitirim A. **Sociedade, cultura e personalidade.** Belo Horizonte: Editora Globo, 1968, pp. 385-386

SCHÜLER, Donaldo. **O Banquete.** In: Eros: Dialética e Retórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, pp. 12-107

ZAMBRANO et at. **O direito a homoparentalidade.** Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006, p. 4

ZAMBRANO et at. **O direito a homoparentalidade.** Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006, p. 12

ZAMBRANO et at. **O direito a homoparentalidade.** Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006, p. 13

ZAMBRANO et at. **O direito a homoparentalidade.** Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006, p.10

ZAMBRANO et at. **O direito a homoparentalidade**. Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006, p.11

RODRIGUEZ, Brunella Carla. Entrevista concedida a Suellen Marinho da Silva. São Paulo, 12 abr 2016.

Dicionário Aurélio: **Pederastia - Relação sexual mantida entre um menor e um adulto**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/pederastia>> Acesso em: 18 jul 2016 às 14h20

DIAS, Maria Berenice. **Artigo: União Homossexual**, 2010, p.1. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_655\)39__uniao_homossexual.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_655)39__uniao_homossexual.pdf)> Acesso em: 18 jul 2016 às 15h17

Portal Câmara dos Deputados: **Projeto de Lei 6583/2013**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=1C7D07AF295ED983E5D86F6BC2432DCD.proposicoesWeb2?codteor=1159761&filename=PL+6583/2013> Acesso em: 18 jul 2016 às 15h49

OAB: Comissão de Diversidade Sexual da OAB/RS divulga nota do Dia Mundial de Combate à Homofobia.

Disponível em: <<http://www.oabrs.org.br/comissoes/ceds/noticias/comissao-diversidade-sexual-oabrs-divulga-nota-dia-mundial-combate-homofobia/17956>> Acesso em: 19 jul 2016 às 17h35

DIAS, Maria Berenice. **Artigo: Homoafetividade um novo substantivo**, 2010, p.1. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_661\)30__homoafetividade__um_novo_substantivo.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_661)30__homoafetividade__um_novo_substantivo.pdf)> Acesso em: 19 jul 2016 às 17h42

DIAS, Maria Berenice. **Artigo: Que Família**, 2013, p.1. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_551\)que_familia.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_551)que_familia.pdf)> Acesso em: 20 jul 2016 às 15h03

Revista Veja: **O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; e evangélicos já são 22,2%**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao-%E2%80%93>

cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/>

Acesso em: 21 jul 2016 às 11h34

Revista Exame: **Quase metade dos brasileiros é contra casamento gay.**

Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/quase-50-dos-brasileiros-sao-contra-casamentos-gays>> Acesso em: 21 jul 2016 às 13h29

Portal Câmara dos Deputados: **PL 620/2015**. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1306827&filename=PL+620/2015> Acesso em: 26 jul 2016 às 14h25

Dias, Maria Berenice. **Artigo: A invisibilidade das uniões homoafetivas**, 2013, p.1. Disponível em:

<[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_611\)a_invisibilidade_das_unioes_homoafetiva.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_611)a_invisibilidade_das_unioes_homoafetiva.pdf)> Acesso em: 27 jul 2016 às 22h00

Supremo Tribunal Federal: **Supremo reconhece união homoafetiva**. Disponível

em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>> Acesso em: 28 jul 2016 às 14h54

O Globo: **“Pai, mãe e filhos” já não reinam mais nos lares**. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/economia/pai-mae-filhos-ja-nao-reinam-mais-nos-lares-5898477>> Acesso em: 02 ago 2016 às 11h11

ZORNING, Silvia Maria Abu-Jamra. **Artigo: Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade**, 2010, p. 454. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>> Acesso em: 05 set 2016 às 23h48

Conselho Nacional da Justiça: **Resolução Nº175 sobre o casamento civil**.

Disponível em:

<http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf> Acesso em: 06 set 2016 às 00h15

Supremo Tribunal Federal: **ADIn n. 4.277, p. 14. A íntegra do acórdão do STF**.

Disponível em:

<<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastf/anexo/adi4277rl.pdf>> Acesso em: 06 set 2016 às 01h00

Conselho Nacional da Justiça: **Corregedoria regulamenta registro de criança gerada por reprodução assistida**. Disponível em:

<<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81780-corregedoria-regulamenta-registro-de-crianca-gerada-por-reproducao-assistida>> Acesso em: 06 set 2016 às 01h06

Revista Forum: **Entrevista com Deputado Anderson Ferreira**. Disponível em:

<<http://www.revistaforum.com.br/2014/02/17/a-familia-e-um-casal-heterossexual-diz-autor-do-estatuto-da-familia-leia-entrevista/>> Acesso em: 06 set 2016 às 15h59

ZAMBRANO, Elizabeth. **Artigo: Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais**, 2006, p. 125. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a06v1226.pdf>> Acesso em: 06 set 2016 às 18h58